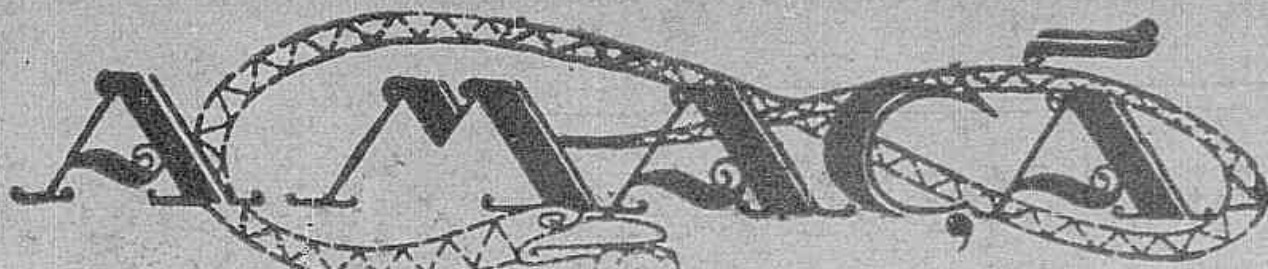


Num.

44

Anno I



DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.

9
Dezembro
1922

DE VENTO EM PÔPA...



P. 95

Colhendo os pannos...

1822

CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

1922

GRANDE LOTERIA DA CRUZ VERMELHA
BRASILEIRA

9.550.000.000



AUXILIAE ESTA CRUZADA

A Loteria da CRUZ VERMELHA BRASILEIRA,
será extrahida hoje 2 de Dezembro no Palacio das
Festas da Exposição, por funcionarios do Thesouro
Federal, sob a presidencia do Dr. Carlos Augusto
Naylor Junior, director geral da Contabilidade.

PELO SYSTEMA DE URNAS E ESPHERAS INTEIRAMENTE NUMERADAS



FRUCTAL

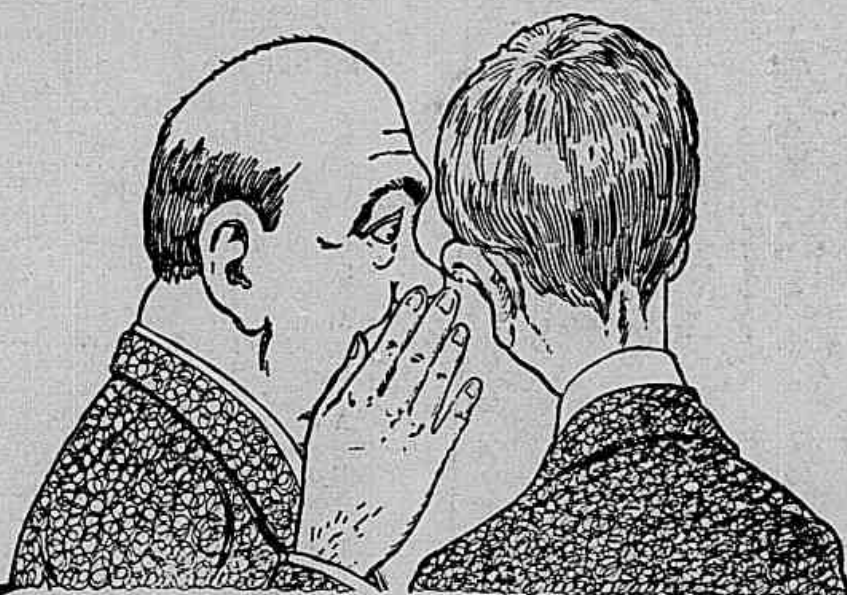
Pó effervescente á base

de saes de fructas

Laxativo, digestivo, anti-acido e diurectico, muito agradavel de tomar, cura as perturbações gastro-intestinaes e regularisa as funcções do ap-
: : : parelho digestivo : : :

Uma unica dose do Fructal alivia
imediatamente qualquer incommodo
do Estomago ou dos Intestinos.

PREÇO NESTA CAPITAL **4\$000**



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de ABREU SOBRINHO

RUA DA LAPA, 6 - RIO

DYNAMOGENOL

O mais eficaz dos tónicos para o systema nervoso e muscular. O mais completo ACCELERADOR DAS FORÇAS E DA NUTRIÇÃO

TONICO DOS NERVOS! TONICO DOS MUSCULOS!
TONICO DO CORAÇÃO! TONICO DO CEREBRO!

E' indispensavel a todos os individuos cujo trabalho produza a fadiga cerebral, taes como: literatos, jornalistas, padres, professores, empregados publicos, estudantes e guarda-livros. O DYNAMOGENOL é de resultados surprehendedentes nos seguintes casos:

TUBERCULOSE
ANEMIA
CHLORO-ANEMIA
FLORES BRANCAS
FADIGA CEREBRAL
HYSTERISMO
NERVOSO
VERTIGENS
BRONCHITES CHRONICAS
PALLIDEZ
IMPOTENCIA

INSOMNIA
PALUDISMO
PERDAS SEMINAES
CONVALESCENÇA
MAGREZA
DORES DE CABEÇA
FALTA DE APPETITE
FRAQUEZA GERAL
SUORES NOCTURNOS
MÁ DIGESTÃO, ETC.

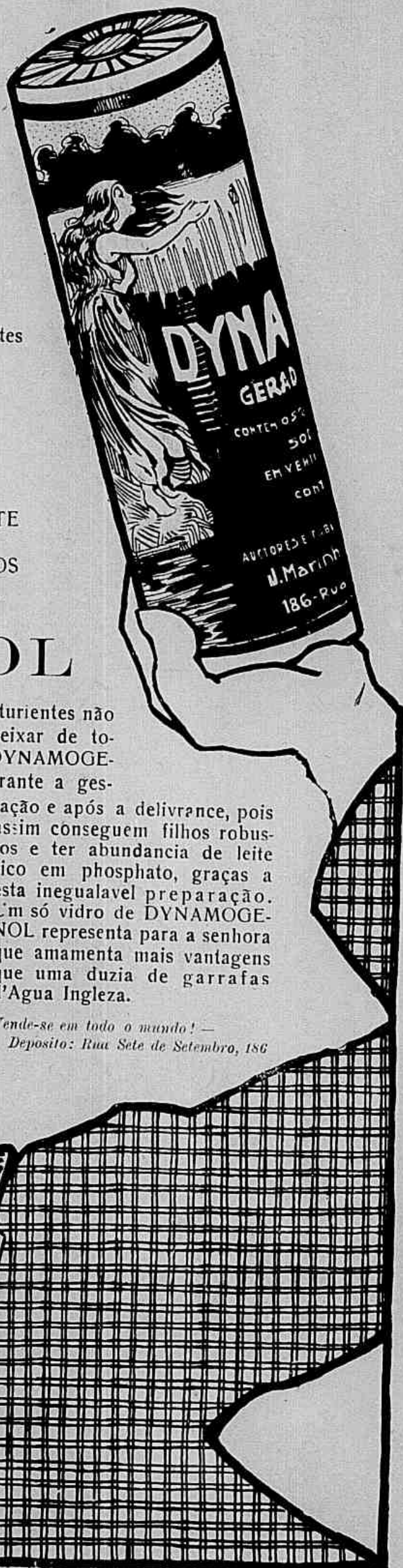
DYNAMOGENOL

As parturientes não devem deixar de tomar o DYNAMOGENOL, durante a ges-

tação e após a delivrance, pois assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphato, graças a esta inegualavel preparação. Um só vidro de DYNAMOGENOL representa para a senhora que amamenta mais vantagens que uma duzia de garrafas d'Agua Ingleza.

Vende-se em todo o mundo! —

Deposito: Rua Sete de Setembro, 186



Manteiga phosphatada SIMÕES

ALIMENTA — NUTRE — TONIFICA

PARA CRIANÇAS E ADULTOS

Nos alimentos e na mesa — A' vontade

PASTEURIZADA — PURA

— SABOROZA —

Dep. RUA DOS ANDRADAS, 43

RIO DE JANEIRO

TODOS DEVEM APPROVEITAR!

Grandes reduções!...

REAES ABATIMENTOS!...

Optima occasião, todos os artigos foram
reduzidos pelos minimos preços**ESTR. 134**
CASA
RUA DO OUVIDOR.

Enorme

stock de camisas,

ceroulas, meias, pyjamas,

ligas, gravatas, suspensorios,

cuecas, collarinhos, punhos, camisas de

meia, colchas, toalhas de mesa, lençoes, etc.

Royal Storedeixa a aprecação de sua distincta clientela
alguns de seus preços das suas secções de**Cama e Meza**

Fronhas de cretone c/bainha a jour

40	40	2\$800
50	50	3\$200
55	55	3\$600
60	60	3\$900
65	65	4\$000
70	70	4\$300
60	40	3\$200
65	45	3\$500

Colchas brancas artigo superior

Reclame 8\$500

Lençoes trançados c/bainha ajour

200 X 160 9\$800

Lençoes bordados artigo fino

Reclame 29\$000

Lençoes de cretone c/bainha ajour

200	140	9\$500
200	140 (finissimos)	11\$800
220	160	13\$500
220	180	16\$900
250	200	21\$500
260	220	24\$000

Ricas guarnições para cama

desde 63\$000

Sortimento variado em panos bordados para toilettes e guarnições

Mosquiteiros para casal preço de reclame. 68\$000

Toalhas adamascadas para mesa

150	145	7\$200
200	145	10\$200
250	145	12\$200
300	145	15\$000
350	145	17\$200

Guardanapos para chá

Duzia 3\$800

Guardanapos adamascados para mesa

50	50 duzia	11\$200
60	60	14\$500

Sortimento completo em Colchas, Guarnições, Cobertores, Toalhas para rosto

Reclame — uma 2\$000

187 - RUA DO OUVIDOR - 189 - Tel. N. 6707

Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte é preciso ter usado o

“SEXUOL”

Remedio providencial, de efeitos assombrosos, incomparavel nos casos de Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos. Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard. — **Preço do tubo 10\$000**

DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — *Drogaria Internacional* — Rua Quintino Bocayuva, 18.



Em todas as farmacias e drogarias

Depositarios: Plinio Cavalcanti & Cia.

Rua da Alfandega, 147 - RIO

Agencia de "Publicações Mundiaes" de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Sciencia do Amor.....	1\$500
Os segredos da geração. Como determinar o sexo na concepção segundo os nossos desejos. 2.ª edição...	2\$000
O filho milagroso. Contos galantes.....	1\$000
Sciencia em familia. Collecção de curiosas esperiencias ao alcance de todos.....	2\$500
Amar, gozar, morrer. Romance realista de Max Bois. 2.ª edição.....	2\$000
Higiene do Amor. Iniciação amorosa pelo Dr. Paulo Durand.....	2\$000
A dançarina de Pompeia. Romance de costumes antigos por Jean de Bertheroy.....	2\$000
Mysterios da "Seita negra" ou os Dramas Secretos dos Conventos, por Max Dariol. Edição profusamente ilustrada.....	5\$000
Um cobra perigoso. Contos singelos.....	2\$000
Costumes e vici's sexuaes.....	1\$000
Contos bizarros, por A. Sylvestre.....	1\$000
Cartas de mulheres, por Prevot.....	1\$500
A filha do peccado. Romance.....	1\$000
Voluptuosidades Romanas.....	3\$000
Sensações — Regina de Alencar.....	1\$500
<i>Romances Illustrados de Paulo de Kock a</i>	
As ligas da noiva A Filha perdida	
Bella costureira Amor e ciúme	
Brejeirices dos nossos avós. Interessante livro para rir	1\$000
Mus. traquina.....	2\$500
A Fresca.....	2\$500
Bocadinhos d'Ouro.....	2\$500

Collecção, Garota a 200 rs.

Um passeio ao campo Uma Aventura de Amor	
A cela de Cleopatra O b. nho de Adelina	
Ev. (em espinhol)	\$500
Semanario festivo para crianças de 8 a 80 annos, e paridade inferior a 8 annos «Carlitos» revista recreativa e instructiva.....	\$200
Pelo correio mais 500 rs. sobre os preços marcados.	
Novidades por todos os vapores — revistas, Figurinos, Bordados, Jornaes e Romances de todos os generos.	

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES. — REVISTAS, JORNAES E ROMANCES DE TODOS OS GENEROS
VENDE-SE NUMEROS ATRAZADOS D' «A MAÇÃ»



OS CONTOS DO CONSELHEIRO

NOBLESSE OBLIGE

Descendente, em linha recta, de Sua Magestade o Imperador Sezefredo, o marquez Trancoso de Cannabrava guardava nas atitudes, nas maneiras, e até nas palavras, todo o orgulho e toda a gravidade da raça. Ao vel-o na rua, ou, mesmo, em casa, tinha-se, logo, a idéa daquelle inglez que enguliu uma bengala. Tivessem as molestias grudado uma na outra as vertebraes da sua espinha, e não andaria mais teso, mais duro, mais impertigado. Alto, elegante, bigode retorcido, cabello repartido ao meio, lembrava, a quem o visse, com o seu monóculo encastado no olho, um desses figurinos parisienses que se encontra, ás vezes, mettidos em um quadro, na parede das alfaiatarias. E se era assim nos passeios ou nas festas, em que envergava a sua casaca irreprehensivel, não era de outro modo em casa, quando se mettia, para dormir, nas dobras de sêda do seu pyjama.

Foi o ridiculo dessa solemnidade, com certeza, que fez nascer no coração da marquez Carlota aquelle absoluto desinteresse pelo marido. Casados ha quinze annos, tinha a fidalga feito o possivel para democratizar aquelle ultimo rebento de Sezefredo. E o resultado foi uma incompatibilidade fundamental en-

tre os dois, a ponto de cortarem as relações de intimidade, recolhendo-se cada qual aos seus aposentos e fazendo vida absolutamente em separado. Uma vez ou outra, nos seus passeios pelo parque do castello, encontravam-se frente a frente, na mesma alameda; o marquez limitava-se, porém, a uma curvatura respeitosa, e a marquez a um gesto de cabeça, continuando, cada um, depois, o seu caminho.

A natureza humana tem, porém, exigencias imperiosas, a que não resiste o orgulho mais insistente ou a soberba mais intratavel. E foi uma d'essas exigencias que conduziu o marquez, certa noite, com o seu pyjama e o seu monóculo, aos aposentos da esposa, a quem referiu, pausado, a gravidade da sua situação.

— Senhor marquez — respondeu a fidalga, com as mãos geladas e um suave estremeccimento por todo o corpo; — si a minha companhia vos apráz, podeis ficar. Sou vossa mulher legitima, e a quem deveis procurar, senão a mim?

Obtido esse consentimento, o marquez Trancoso deslocou o monóculo, e, puxando a corrente do interruptor, deixou o quarto numa penumbra doce, propicia áquella reconciliação.

Afastada, ha me-

SOLUÇÃO



— Estou pensando onde irei buacar dinheiro, amanhã..
— Tu? E se o dinheiro, amanhã, viesse... te procurar?

“VOILÁ PARIS!”

É A EXCLAMAÇÃO DE
TODAS AS SENHORAS
ELEGANTES QUE, PAS-
SEANDO NO GRANDE
“BOULEVARD” CA-
RIOCA, TEEM O PRA-
ZER DE CONTEMPLAR
AS LINDAS VITRINES

DO **AO 1º BARATEIRO**

Avenida Rio Branco, 100





DALILA

I

— Um cigarro um só! — pede Kid Durand, esperançoso do «box» francez (peso leve).

Mas Panouille, seu «menager», se oppõe, a voz aspera:

— Absolutamente! «Jamais de la vie!» E se tu insistes em fumar, applico-te um murro.

Kid Durand baixa a cabeça, como uma creança censurada, bebe um góle de agua mineral, afasta seu prato, cheio de uma intolerável compota que, não obstante as objurgatorias de Panouille, não podia tragar, e torna em tom lacrymejante.

— Uma chícara de café, ao menos... Não me faça mal...

Panouille sacóde a cabeça e recusa, implacável:

— Café? Estás doído! Vae beber o teu chá, sem assucar. E depois, tu sabes, nada de... pô-lo para fóra. Até que tenhas batido Battling Mironton, eu te fico vigiando. Nada de «blagues»!

Kid Durand aborrecia-se.

— E' horrível isto, — lamenta-se elle. — Ha tres mezes, eu me privo de tudo. Si é esta a gloria de um campeão, prefiro voltar para a officina. Lá ao menos, eu era livre!

— Toleirão! — replica Panouille. — Já tens apenas dez dias de traino, e, basta isso, porás Battling Mironton «knock-out» no segundo ou terceiro round. Uma bolsa com duzentos mil francos... E a gloria... E os «matches» na America, com milhões de dollars! Acreditas que isso não valha um cigarro ou uma chícara de café?

Kid Durand fica silencioso, mas, passado um instante, retorna, quasi imperceptível:

— Então... dá-me licença...

— Licença para que?

— Para... passar um quarto de hora com uma mulher... Menos de um quarto de hora... Cinco minutos!

Panouille ergueu-se, indignado:

— Tu? Tu estás doído? Tu, nas vespas de te tornares o campeão mundial de pesos leves? Que idéal! Não sabes então que a mulher é tudo que ha de mais contrario ao «box»? Dentro de dez dias, após a victoria, poderás fazer tudo que quizeres... Mas, agora, exercita-te com o «punching-ball», pula na corda, e exerce teu direito contra os borrachos. E' esse o programma. As mulheres afasta-as por enquanto da cabeça.

E Panouille, virando-se para Willy Planquart, velho campeão reduzido á condição de «entreneur», indaga:

— Não achas que eu tenho razão?

— Perfeitamente, — responde o interpellado. — As mulheres, nesse caso, são tudo o que ha de pior... Foi o que me perdeu.

E conta, então, pela centesima vez, a historia do seu ultimo «match», em que, por falta de pernas, havia sido derrotado, apesar dos seus recuos famosos por Tony Makoko, um negro, de quem ninguem suspeitava.

Mas Kid Durand suspira, interrompendo-o:

— Eu não tenho, sequer, uma «pequena», como antigamente. E Mironton tem uma. E bouita! Que felizardo!

E baixou os olhos, sonhando.

II

Nesse dia mesmo, Willy Planquart correu a procurar o «entraineur» de Battling Mironton. Estava resolvido a trahir Panouille e o seu athleta.

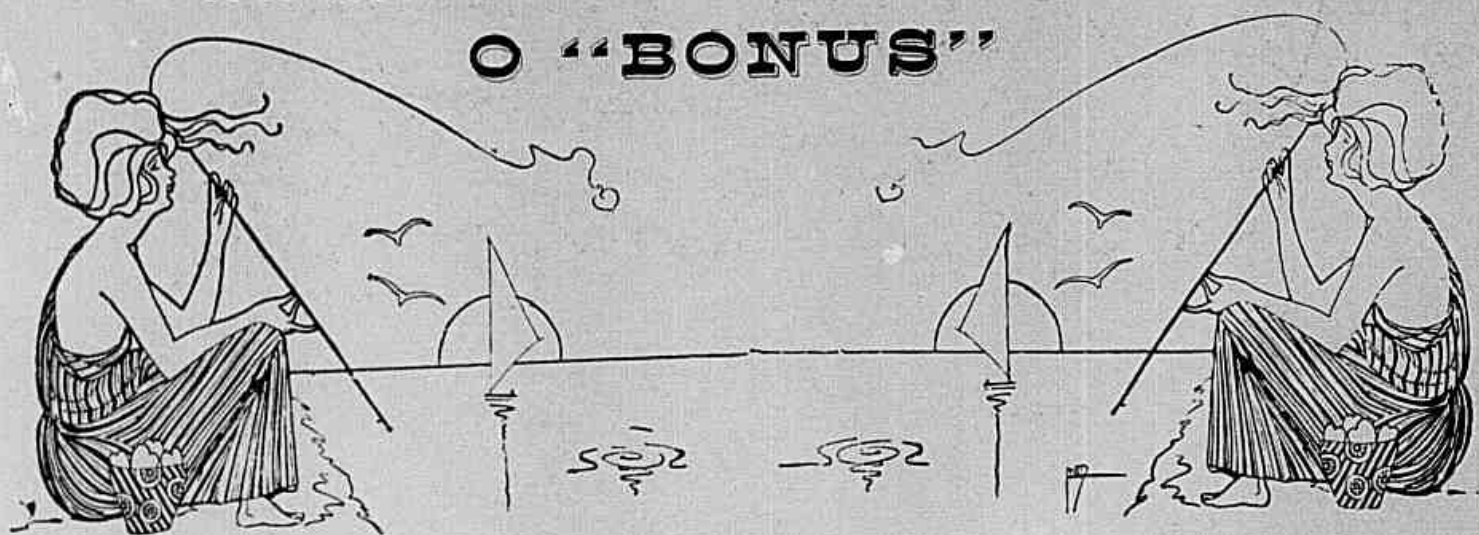
— Como vae isso por lá? — indagou, logo, o «entreneur».

— Não póde ir melhor... Kid Durand está em condições admiráveis. E, aqui

(Cont. n.º CASTIGO DA GABOLICE)

OS CONTOS DO ALMIRANTE

O "BONUS"



A sala não era grande e, por isso mesmo, estava repleta. Para isso contribuíam não só, talvez, as oito pessoas que nella se achavam, como aquellas columnas com estatuetas, aquellos solitarios com flores, e o suporte de quatro «abat-jours» de seda, collocados aqui e alli, nos intervallos das poltronas. Uma claridade doce banhava as phisionomias, emprestando a tudo, gentes e cousas, uma feição de intimidade encantadora. E foi nesse ambiente casto, puro, virtuoso, que Dona Adelina observou, a proposito de uma noticia que acabava de receber:

— E' verdade, vocês já viram como está diminuindo o numero de casamentos? Antigamente, eu via entrar na matriz de São João Baptista, todo sabbado, seis, oito, e às vezes dez cortejos, de noivos que iam receber a benção. Hoje, quando passam tres, é muito. E desses trez casamentos, um está desfeito no fim de trez mezes, dois no fim de um semestre, e todos no fim de dois annos.

— Aliás, o casamento sempre foi uma caixa de surpresas, — ponderou o commendador Coutinho, limpando os óculos fortes com a ponta do seu lenço de linho. — Ninguém pode dizer, ao certo, diante do padre, se conseguirá suportar toda a vida a mulher que escolheu.

Essa observação do commendador levantou protestos:

— Assim, também, não! — exclamou mme. Torres Bayma, chegando-se, animada, para a margem do divan. — Para que serve, então, a fase de noivado, senão para que o homem estude a mulher a quem se vai unir? Para que serve? — diga-me!

As opiniões divergiam. O desembargador Avila opinava, solenne, pela indestructibilidade do nó matrimonial. Boa

ou má, o homem tinha de suportar a mulher que escolhera, e que, para evitar surpresas, devia ter estudado detidamente, antes do casamento. E acentuava, encastando o monóculo, para apreciar, melhor, o effeito da frase:

— As mulheres não são uma charada, um enigma, um mysterio indecifrável. Só não as conhece quem não quer. E o homem que se considerar infeliz, depois de casado, deve antes de condemnar a accusada, condemnar-se a si mesmo. Essa é a verdade.

— Apoiado! — exclamaram, entusiasmadas, as senhoras,

— Não apoiado! — bradaram os homens, num protesto.

Foi por essa altura que Dona Dina, a menos maliciosa creatura d'aquella roda, resolveu intervir, para mostrar que o casamento não era tão bom, como se suppunha, nem tão mau como se dizia.

— O casamento, antigamente, era uma loteria, em que havia dez premios para mil bilhetes. Hoje, a situação dos que jogam na loteria, é infinitamente melhor.

— Melhor? — estranharam alguns.

— Melhor, sim, — tornou o louro diabrete, fazendo rir os seus lindos olhos de ouro. — Antigamente, dos que jogavam nessa loteria que corre na Igreja, apenas quatro, ou cinco, tiravam o premio. Os outros não tiravam nada. Hoje, o casamento é como o «Bonus da Independencia».

E como as outras a olhassem, espantadas, soltou uma gargalhadinha garôta, e concluiu:

— Mesmo quando sae branco, o portador tem direito às «entradas»!

Almirante Justino Ribas

zes, daquelle homem exquisito, a quem dera, quasi na infancia, a flôr maravilhosa do seu corpo, a marquez transportou-se, de subito, aos dias felizes do seu consorcio. Quem alli estava, não era o fidalgo de agora, severo, solenne, acorrentado às conveniencias: era o jovem de ha quinze annos, livre de preconceitos, e que fizera soar na tecla virgem dos nervos a musica desvairada dos sentidos. Ao fim de vinte minutos, o sr. marquez procurou as chinellas debaixo do leito, recompoz o pyjama, encastuou o binoculo, reavivou a claridade do aposento, e, quando a fidalga esperava uma palavra de agradecimento ou de saudade, ouviu, apenas, esta censura, que lhe foi, direito, ao coração:

— Senhora marquez, estou, acredite-me, desolado com o que acaba de succeder. Quando procurei o meu lugar ao vosso lado, foi na supposição de que a minha esposa se portaria com a dignidade da nossa situação, e não com o desvairamento das mulheres communs, sem as nossas responsabilidades de familia.

— Eu, marquez? eu? — estranhou a fidalga, horrorisada com a censura. — Si houve alguma

cousa, acredite, não foi por culpa minha: é que havia uma pulga me incomodando e, mesmo, me mordendo, aqui, sobre o colchão!

Cabeça alta, firme como um boneco de madeira, o fidalgo afastou-se, recolhendo-se aos seus aposentos. Na noite seguinte, voltou, pediu o mesmo lugar no leito da esposa, abaixando, discreto, a luz do compartimento.

Prevenida, porém, como estava com a censura do dia anterior, a virtuosa senhora portou-se com a dignidade, a gravidade, a impassibilidade que o marquez requeria. Não teve um movimento. Não teve um suspiro. Não teve um beijo para a bocca do ingrato. Passado um quarto de hora, o marquez procurou as chinellas, e, de pé, corrigindo o pyjama, parecia mais contrariado do que na vespera. De repente, estourou:

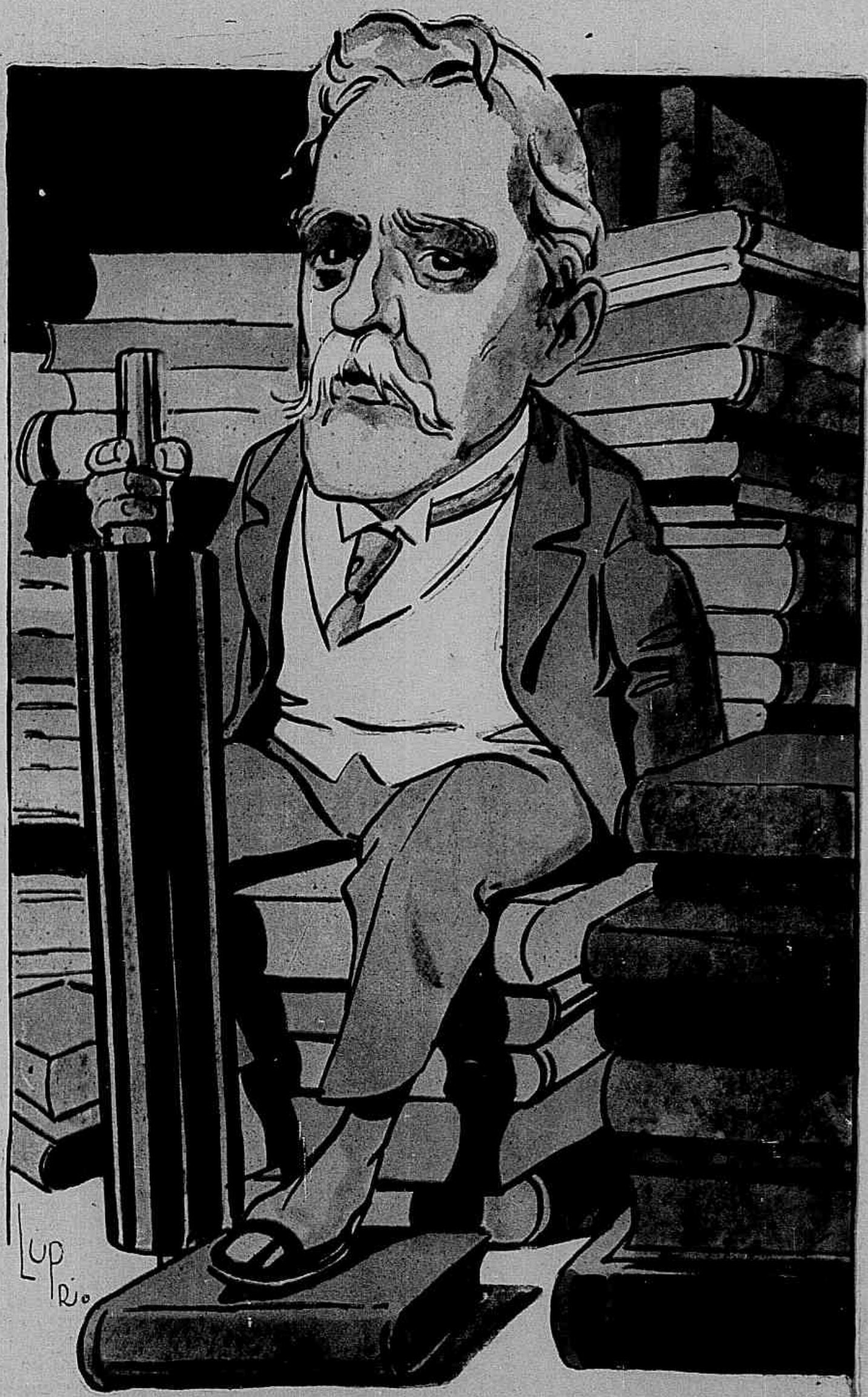
— Senhora marquez, será possível?

E encastando o monóculo, com dignidade:

— Já se terão acabado, por ventura, as pulgas d'esta casa?

X. X.

OS MEGENAS



Coronel LEITE RIBEIRO
(Protector de Horacios e « coriáceos »)

OS MECENAS

LEITE RIBEIRO

Em certa manhã de chuva de 1865, entrou a porta grande do antigo Lyceu de Artes e Offícios um cavalheiro de meia idade, que trazia pela mão um menino de sete annos e queria falar ao director.

— O Bittencourt da Silva, está?

Conduzido á presença do benemerito educador contou a sua situação. Tinha uma prole numerosa, os negocios andavam maus, e, como queria ministrar aos filhos alguma instrução, recorria áquella instituição divulgadora do ensino, pedindo-lhe a matricula do filho mais velho.

— Elle tem grande gosto pelas letras, — disse. — Nas suas mãos de educador, dará um homem de bem.

E, no outro dia, começava a ter assento nas aulas do Lyceu, sob o patrocínio da generosa associação propagadora das letras, que Bittencourt da Silva superintendia paternalmente, o menino Carlos Leite Ribeiro, que devia ser, meio seculo mais tarde, o mais intelligente livreiro do Brasil.

Matriculado, a principio, no curso diurno, teve o pequeno estudante de mudar, em breve, o seu regimen de vida. Filho de um modesto commerciante da rua do Lavradio, precisou o pae, em breve, do auxilio do menino. E, aos nove annos, estava este jungido á vida de balcão, do qual se libertava ás sete horas da noite para ir, das oito ás nove, ás aulas nocturnas do Lyceu.

Com esse inicio penoso, apadrinhado, apenas, pela Pobreza e pelo Trabalho, o menino da rua do Lavradio havia de comprehender, necessariamente, muito cedo, este mundo e esta vida. E de tal forma os comprehendeu, que, antes dos vinte annos, foi procurado, certa manhã, na casa do pae.

— O sr. Carlos Leite, está?

— Quem é o senhor?

— O Seixas, delegado districtal.

Essa autoridade era, naquelle tempo, uma das mais famosas personagens do Rio. Falar no Seixas, era ter o cabelo arrepiado. Os ladrões mais audaciosos, os valentões mais temiveis, os capociras mais afamados, tremiam, á simples enunciação do seu nome. Era um tyrannete, mas, ao mesmo tempo, um caracter. Foi, por isso, com espanto, que a familia Leite Ribeiro indagou, na intimidade da casa:

— Que será?

Dentro de alguns minutos, na presença do moço, o delegado explicava-se. Queria um homem de coragem, e de bons costumes, para inspector do quarteirão, naquella zona da cidade, que se tornava dia a dia mais perigosa. E lembrara-se d'elle.

— Aceita?

— Aceito!

Foi por essa porta pequena, mas honrosa, que o antigo alumno de Bittencourt da Silva penetrou na vida publica. E a ella deve, talvez, o seu destino. Forçado a olhar para a rua, viu, com horror, o que nella se passava. A situação dos escravos torceu-lhe, fundo, o cora-

ção. Approximou-se de Patrocínio, levando-lhe informações na «Gazeta da Tarde». E tanto se indentificou com o «gigante negro», que entrava, semanas depois, como noticiaria, para a redacção d'aquella folha, em que se fazia, então a campanha abolicionista.

Serio e trabalhador, conquistou amizades no commercio, obteve capitães, e, em 1886, abria á rua do Ouvidor, em frente a «Notre Dame», a celebre «Maison Blanche», casa de perfumarias, cigarros, charutos, e objectos de arte. Sendo aquelle trecho o mais movimentado do Rio, e tendo feito, na «Gazeta da Tarde», conhecimentos preciosos, tornou-se o estabelecimento de Leite Ribeiro uma especie de quartel-general dos revolucionarios daquelle tempo. Era nos fundos da sua casa que se reuniam, para resoluções immediatas, Lopes Trovão, Patrocínio, Clapp, Silva Jardim, e outros intemperatos agitadores da epoca. Terminados os «meetings», as passeatas abolicionistas ou republicanas, era na «Maison Blanche» que se ia guardar os estandartes e, muitas vezes, buscar as armas, para enfrentar os arruaceiros officiaes. E foi por isso mesmo que se fez, alli, na manhã de 15 de novembro, um dos maiores ajuntamentos do dia, para ouvir entre palmas, a voz dos revolucionarios victoriosos.

Proclamada a Republica, e multiplicados pelo movimento commercial da casa, os seus haveres iniciaes, seguiu Leite Ribeiro, em dezembro de 1889, para a Europa, que percorreu quasi toda. De regresso, animado pelo que vira, entrou para a politica, ao lado dos companheiros da propaganda. Succederam-se, entretanto, as complicações. Com a ascensão de Floriano ao poder, declarou-se francamente contra o dictador, que o mandou prender e, quasi, fuzilar. Tudo passa, porém, sobre a terra, e Floriano passou. Amigo de Prudente de Moraes, deu-lhe este o seu apoio, fazendo-o delegado de policia da Capital. E estava no exercicio desse cargo, quando, na noite de 5 de novembro, Amaro Cavalcanti, ministro da Justiça, mandou chamal-o á secretaria.

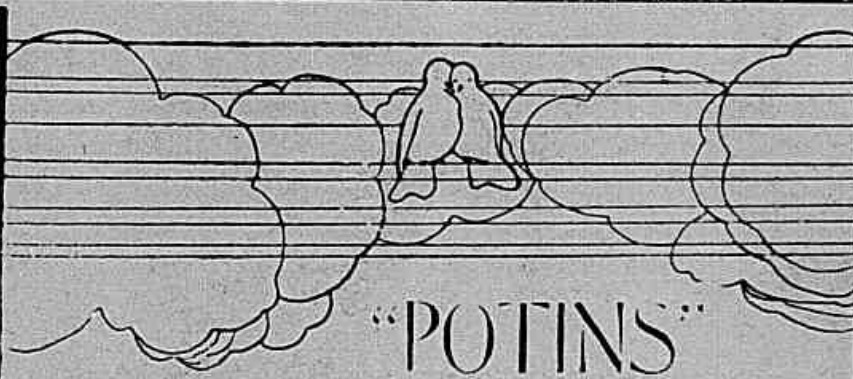
O Presidente quer — disse — um serviço seu. A garantia do governo reside, como sabe, inteira, na Guarda Nacional. E um dos batalhões d'esta, o 6.º, está commandado por um official em quem não temos confiança.

— Então...

— Então, o Presidente quer que você assuma o commando do batalhão, hoje mesmo!

O 6.º batalhão, em que o governo se queria apoiar no caso de uma rebelião do Exercito, não era mais do que a arregimentação official de todos os valentões da Saude, da Favella e do Morro do Pinto. Poucos soldados, d'elle, não tinham passado pela Detenção. Isso não obstou, entre-





"POTINS"

Rondon e os seus indios

Quando Roosevelt andava por Mato-Grosso em companhia do general Caetano Rondon, quiz o emment ser-tanista patricio mostrar ao grande hospede a unanimidade de vistas dos brasileiros em relação á catechese dos selvícolas. Para isso, promoveu, em mma das estações tele-graphicas do caminho, um almoço, a que compareceram todos os chefes de serviço, e, em certo momento, indagou:

— Qual o melhor meio de civilisar o indio?

— A Paciencia! — informou um dos funcionarios.

— A paciencia! — secundou outro.

E iam respondendo todos assim, quando chegou a vez do major Horta Barbosa.

— O rifle, colibre 44! — affirmou este.

Rondon empallideceu. A resposta, fôra, porém, comprehendida pelo americano, que se ergueu sorrindo, para apertar, em dois solavancos, a mão do official.

A soberania da moda

Não obstante a gravidade do assumpto, ou por isso mesmo, a jovem senhora resolveu consultar a amiga mais velha, e mais elegante, sobre o passo que tinha em vista.

— Eu queria, filha, ceder aos rogos de fulano, que vive me perseguindo. Queria ter um nanoro, uma pessoa que me occupasse a attenção, os cuidados, os sentidos.

— Mas teu marido não te ama?

— Ama-me, sim.

(Cont. de Leite Ribeiro)

abriu a bolsa, numa franqueza de irmão:

— Toma. Tu és um santo. Vae trabalhar... E' o teu destino...

Moço de cabellos brancos, Leite Ribeiro pensou nos homens de letras. Montou uma livraria, abrindo os braços á mocidade que estuda, que es-reve, que trabalha. Em dois annos, reembolsava Gaffée. Próspero, de novo. Da casa incipiente, fez um templo, um monumento, a maior livraria da America do Sul, e uma das maiores do mundo. Trabalha do alvorecer á meia-noite, cabeça baixa, pinco-nez no nariz, esperança na cabeça, como ha trinta e cinco annos, na «Maison Blanche».

E quando ergue os olhos das cifras que amontôa, dos algarismos que somma, dos papeis que estuda e examina, não é para respirar, para tomar fôlego, para sorrir aos encantos da vida: é para abraçar um moço que chega, como a dizer-lhe, num conselho, que é um conforto feliz:

— Trabalha, meu filho, e vencerás. E, se venceres, — continúa a trabalhar!

Kodin

— Não és feio no teu lar?

— Sou.

— Então, por que essa idéa?

— Por nada. Eu queria, porque... é moda!

— Ahn! — fez a outra.

E concordando:

— Si é por isso, estou calada. A moda é soberana!

E madame entrou... na moda.

Nem tudo é artificial...

A illustre dama, ultimo rebento de uma familia notavel na Monarchia, foi victima, diz-se, de um seductor, que a presenteou com um filho, que foi adoptado por outrem. Attingida pelo tempo, que lhe tem devorado a belleza impressionante, a respeitavel senhora travou batalha contra

essas deastações: pinta os cabellos, o rosto, os olhos, as sobrelhas, numa renovação infatigavel.

Ha dias, conversava-se sobre essa resistencia em casa de um illustre sebastianista, quando alguém observou:

— Tudo que ella tem é artificial!

— Perdão!

protestou a dona da casa, senhora de muito espirito e encantadora perversidade. — Tudo, não.

E riudo:

— Ella tem um filho... «natural»!

A vantagem de Botafogo

Apertados no mesmo bairro de um bonde da Light, os dois homens de letras seguiam para o lar, em São Christovam, quando um d'elles lamentou a inconveniencia da moradia para aquellas bandas:

— Esta viagem é tão longa... Você não acha?

— Acho, sim, — concordou o outro. — Mas, quem mora em Botafogo, tem os mesmos inconvenientes. Da Avenida ao largo dos Leões é uma hora de viagem.

— Sim, eu sei. Mas, tem uma vantagem: as passageiras são «chicas», e a viagem parece curta porque a gente vai descançando os olhos nos olhos d'ellas.

— Concórdo, — confirmou o outro; — mas essa vantagem tem uma desvantagem.

— ?...

— E' que os outros passageiros vão, também, descançando os olhos na mulher da gente!

SYPHILIS? SÓ LUETYL

Licor — Capsula — Injecções

EXTRATO DE
SROGUEIRA

do pharmaceutico-chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Grande depurativo do sangue — Para Syphilis e suas terriveis
consequencias.

USAE! USAE! USAE!



tanto, que Leite Ribeiro, nomeado coronel, assumisse o commando desses oitocentos valentes, que se chamavam Dente de Ouro, Braço de Ferro, Cabeça de Bode, Tabajara, Tres de Paus, Nariz de Gamella, Vinte e Cinco, Batata Pódre, Testa de Bronze, e setecentos outros, de nomenclatura igualmente famosa.

Toda a gente ainda se lembra, no Rio, o que eram as paradas do 6.º, sob o commando do coronel Leite Ribeiro. Quando o corneta soava na rua dos Ourives, não havia uma casa aberta nem um transeunte retardado, no largo de São Francisco. E isso muito valeu a Prudente de Moraes, que, mezes depois, abraçava publicamente o general improvisado, como um dos esteios mais sólidos do seu governo.

Despida a farda, que lhe dera prestigio mas lhe decorara centenas de contos com a manutenção do bialbão, apresentou o coronel Leite Ribeiro a sua candidatura ao Conselho Municipal. Eleito, e escolhido para presidente do Conselho, assumia, mezes depois, sob Campos Salles, o cargo de Prefeito do Distrito Federal, em cuja galeria apparece, ainda hoje, com esta designação, de que se orgulha: o «Prefeito maluco».

O coronel Leite Ribeiro foi, realmente, no exercício dessas funções, um verdadeiro espantalho. De uma actividade formidável, que ainda hoje desenhava, amanhecia e anoitecia na Prefeitura. Dois dias depois de assumir o cargo, desapareceu, de repente. E no dia seguinte, ao ser ordenada a remodelação immediata dos serviços do Matadouro, os magarefes lembraram-se que, na véspera, jinhando, por lá, rondando a noite inteira, um sujeito embuçado, que prestava silenciosa attenção a todas as particularidades da matança.

Certa madrugada, quasi duas horas, parou um carro á porta da Casa de São José, á rua general Canabarro. Um homem saltou, empurrou o portão, que estava aberto, e bateu, dentro, na porta.

— Quem é? — indagou, arreliada, de dentro, a voz de um portuguez.

— E' o Prefeito. Abra!

— Que é que quere? — tornou a voz.

Com o barulho, a directora chegou á janella.

— E' o Prefeito, minha senhora. O director não está?

— Não, senhor.

— Então faça-me o obsequio de abrir, mas sem accordar os internados. Eu quero vêr o tratamento que lhes é dado, e se são reaes as queixas que tenho recebido.

No dia seguinte, eram punidos o director do estabelecimento, e dispensadas quasi todas as religiosas, que dormiam em camas confortaveis, e viviam de mesa farta, enquanto as creanças dormiam, como porcos, pelo chão.

A's vezes, á noite, apparecia o Prefeito nas agencias da Prefeitura, trazendo á mão uma lista das casas licenciadas para funcionamento nocturno.

— Vamos vêr se são estes estabelecimentos os unicos que se acham abertos, — convidava, dirigindo-se ao agente.

E era um escandalo. Das casas que se mantinham abertas, exercendo o commercio, nem a decima parte estava licenciada. E, no dia seguinte, entravam na Prefeitura dezenas de requerimentos de licença, e com elles, dezenas de contos para os cofres municipaes.

— E' um maluco! — diziam todos, na roda viva em que os punha, incançavel, e espantoso trabalhador.

Em seis mezes de administração, realizou causas assombrosas, e suggeriu outras, que Passos realizou. Estão na sua mensagem de despedida todos os problemas que fizeram, depois, a fama de outros Prefeitos. Basta lembrar, entre muitos, o arrasamento do morro do Castello, o saneamento da Lagôa Rodrigo de Freitas e do canal do Mangue, a substituição da força animal pela energia electrica, nas companhias carris, a construcção de novos mercados, o alargamento das ruas, num total de trinta e duas iniciativas, das quaes, até agora, apenas uma terça parte se transformou em realidade. E foi por isso que o commercio, num total de 702 firmas, pediu a Rodrigues Alves a sua conservação na Prefeitura, ao mesmo tempo que Campos Salles, despedindo-se, lhe dizia, num abraço:

— A sua administração foi um semestre; mas valeu um quadriennio!

Rodrigues Alves tinha, porém, compromissos com Pereira Passos. Leite Ribeiro na-la perdeu, no entanto, com isso: foi eleito deputado federal, tomando, na Camara, a iniciativa de uma infinidade de projectos, entre os quaes um, que revolucionou os arranjos politicos, prohibindo os empréstimos estaduais sem a licença da União.

— E' um suicidio politico! — sentenciou Germano Haeslocher.

E foi mesmo. Guerreado pelas situações estaduais, que não conseguiram demovel-o do seu proposito, foi depurado, e perdeu a cadeira.

Teimoso, voltou ao Conselho, como intendente. Ao fim de pouco tempo sentia, porém, um desejo irrepressivel de vomitar.

— Será possível, — perguntava a si mesmo, — que no mundo só haja lama?

Metteu as mãos nos bolsos, procurando a fortuna que o commercio lhe havia dado. Não a encontrou; a Politica, que enriquece os proletarios, tinha feito d'elle, antigo millionario, um quasi herdeiro de Job. Sexagenario quasi, correu ao seu amigo Gaffrée que lhe

(Cont. em POTINS)

ARISTOCRACIA MUNDANA

CELSO BAYMA

Carlos Peixoto começara a hostilizar Pinheiro Machado, utilizando, para isso, a senectude caprichosa de Affonso Penna, quando se approximou d'elle um jovem advogado, que lhe fôra apresentado por Josino de Araujo. Desde os primeiros dias da apresentação, notara Peixoto, com aquella acuidade que tanto o afastava dos homens, uma coincidência curiosa: não havia lugar a que fôsse, no qual não encontrasse o moço bacharel, que o cumulava, logo, das maiores considerações.

— O' Josino, — indagou o saudoso parlamentar, ao fim de alguns dias, — quem é, mesmo, aquelle moço que você me apresentou?

Josino explicou:

— E' Celso Bayma, um rapaz do Maranhão, ou de familia maranhense, que esteve em Santa Catharina. E' um bello espirito e um dos advogados de maior futuro, no Brasil. Nunca perdeu uma causa!

Essa informação, absolutamente verdadeira, despertou em Peixoto vivo interesse pelo jovem cultor do Direito. E de tal forma foi essa sympathia, que, ao fim de poucos mezes, ao ser organizada a chapa official para a representação catharinense na Camara, d'ella constava o nome de Celso Bayma, amparado por Peixoto, Pinheiro, Lauro Müller, e pelo proprio Affonso Penna, ordinariamente avesso a semelhantes intervenções.

Insinuante, maneiroso, intelligente, o novo deputado constituiu, desde então, o caso mais curioso do equilibrio politico no Congresso Nacional. Servindo ao seu partido e ao seu chefe, e cultivando a amizade pessoal de cada collega, não se incompatibilizou, jamais, com qualquer d'elles. E de tal modo costuma agir, em certas occasiões graves, que o prejudicado ainda lhe offerece um almoço, ou um jantar, em signal de reconhecimento.

Ao fim de cada legislatura, é unanime a opinião dos amigos:

— Coitado do Celso! vai «rodar», agora!

Approximam-se, porém, as eleições. No Estado e no Rio, os politicos movimentam-se, disputando a vaga. Celso Bayma não se incomoda.

— Toma cuidado contigo! — previnem os companheiros.

— Eu? — estranha a «victima», sorrindo.

E como um homem que tem, na mão, a arma irresistivel:

— O Presidente da Republica não terá, então, um parente proximo para salvar a gente?

Certo dia, apparece a chapa do partido. E lá está, encabeçando a lista dos candidatos officiaes, o nome de Celso Bayma.

Talentoso e estimadissimo, poderia impor-se, positivamente, pelo seu merito. E não o faz. Para vencer, sabe elle que basta, no Brasil, a sympathia, ou, antes, uma simples palavra dos que governam. E d'ahi ter sido amigo intimo dos filhos de Rodrigues Alves, dos filhos de Affonso Penna, do irmão de Nilo Peçanha, dos filhos do marechal Hermes, do cunhado do Dr. Wenceslau e, ultimamente, dos sobrinhos do presidente Epitacio, um dos quaes foi arrastado, por elle a uma excursão por Santa Catharina, nas vespas da organização da chapa.

Discipulo amado de Lauro Müller, que tem sido o seu grande mentor politico, chega, ás vezes, a espantar o mestre.

— O Celso — diz este, admirado, — é o gato que apprendeu a pular com a onça: sabe todos os saltos d'esta, e mais o processo de cair em pé, quando pula de costas!

Na Camara, é distinguido, sempre, com os postos de maior confiança, nas commissões. Precise-se, alli, de um homem em que o governo possa confiar para um parecer ou um projecto politico, e lembra-se, logo:

— O Celso!

— Mas o Celso não é o homem do Lauro?

— E', sim.

— E o Lauro não é contra?

— E' contra, sim. Mas o Celso...

E o informante conclue:

— Antes de estar com o Lauro, ou consigo mesmo, estará com o governo!

E citam-se, a proposito, dezenas de casos, cuja lista é coroada pelo famoso projecto sobre a instituição da Ordem do Cruzeiro, que sustentou, calado, entre os remos da nação inteira, affrontando, sem pestanejar, todas as modalidades da censura e do ridiculo.

Advogado no fóro da capital, poucos estarão mais prosperos, e contarão maior numero de victorias. Amigo intimo de quasi todos os juizes, prefere, á defeza nos autos, o arrazoado verbal, no correr de um jantar ou de um almoço. Inventor desse processo de vencer causas, o seu escriptorio não é, propriamente, uma sala de advogado: é uma agencia de advocacia, com dezenas de bachareis auxiliares, movimentados pela sua habilidade maravilhosa. Possuindo o sexto sentido, não aceita causas, jamais, para perder. E é por isso que, ao chegar o constituinte, pergunta logo:

— Qual é o juiz?

— Fulano, — informa o pobre diabo.

O jurista fecha os olhos por um instante, examina o grau de amidade que o prende ao magistrado e a importância da causa a ser julgada, e conclue, prompto:

— Aceito!

Ou, então:

— Não posso. Ando occupadissimo!

Criticando esse processo de advogar, a «Gazeta de Noticias» deu ao grupo de bachareis dirigidos por Celso Bayma a denominação de «quadrilha dos ratos cinzentos». O accusado justificou-se, com o brilho habitual:

— A advocacia não é, então, uma profissão livre, como o commercio? O advogado tem o direito de ganhar sua vida como entenda. Si ha, nisso, inconvenientes, estes procedem da magistratura. O advogado não julga: defende, ou accusa. Ao juiz é que compete o julgamento, e, por consequente, a responsabilidade da sentença.

Homem do seu tempo, gozando o mundo com a encantadora indiferença de um romano da decadencia, bebe a vida, gole a gole, como um vinho capitoso. Gloria, renome, popularidade, fortuna, tudo isso é, nas suas mãos, a moeda de cobre com que se conquista, na terra, o ouro do prazer. Vivesse em Sybaris, e mardaria matar todos os gallos, para que o dia não alvorecesse. Entre um beijo e um throno, só preferiria o throno se este lhe assegurasse dois beijos. Sabendo que o amor é uma pena, um soffrimento, uma tortura, não ama, não se sacrifica, não se apaixona. E' a abelha que prova o mel na corolla desabrochada, e passa, para não voltar mais. E, por isso, abelha silenciosa, tem, sempre, ao mesmo tempo, quatro, cinco, e mais corollas para pousar...

— Toda mulher — diz elle, na sua theoria de epicurista — vale um beijo; algumas valem dois; e nenhuma vale trez!

Parisiense no Rio e em Paris, faz alli, nas suas viagens periodicas, uma infinidade de relações encantadoras, de que toma o endereço. De regresso ao Brasil dá informações ao intimos. E se algum d'estes lhe merece alguma coisa, manda buscar uma dessas amizades, e offerece ao amigo, politico ou magistrado, como quem manda buscar uma gravata, uma abotoadura ou uma caixa de charutos.

— A vida — diz elle, no seu scepticismo triste e, ao mesmo tempo, florido de verdades, — a vida é monotona e dolorosa. Só a mulher lhe dá um pouco de encanto, como a flôr ao jardim. Aspiremos, pois, neste jardim de presidio, a unica flôr que elle tem!

E com essa theoria, não aspira Celso Bayma unicamente uma rosa: cheira, ás vezes, num dia, todo um «bouquet»...

Brummel

ARISTOCRACIA MUNDANA



S. A. O PRINCIPE CELSO

ANTHOLOGIA GALANTE

O MONSTRO

(Página de DENTRO DA NOITE.)

Na roda, os cavalheiros pareciam um pouco nervosos, e Lauriana batia o leque de sandalo. O conselheiro Andrade, o menos excitado, exclamou, de olhos em alvo:

— Caramba! É uma doença cerebral.

Luciano, de olhos cerrados, parecia em extase. Então o poeta indagou:

— E que fazes depois?

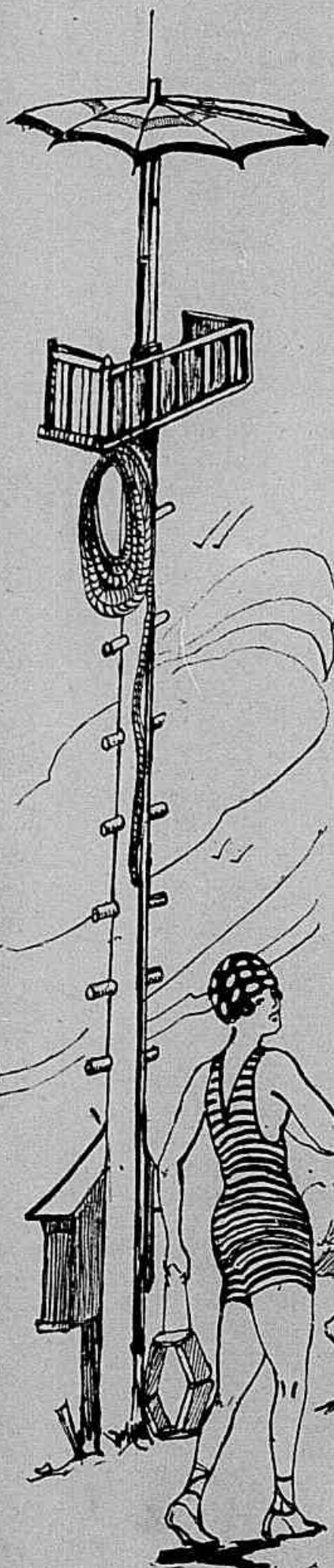
— Que faço? Ah! tens tu o meu horror. Fico com um grande dó da criança, a criança ainda mais, envolvo-a na jura de um amor infinito, chorando a frieza do meu coração incapaz de amar uma só creatura mais de seis meses. E é o mez dos sofrimentos, em que a vida se me faz dilemma: — ou casas com essa rapariga para abandoná-la ou, se a levas contigo sem o casamento, commettes o crime ainda maior de perder-lhe a honra. Então, no silencio do quarto, pensando nella, vendi-a a todo o instante: soluço, choro, deploro-me, escorcho a alma com a violenta ideia de achar um pretexto para não perdê-la. O amor, porém, o amor verdadeiro é um breve perfume de virgindade. É senti-lo e é partir. Eu me debato, mas para que serve? Algumas desvairadas têm vindo até ao desenlace e estão por ahí. Outras eu perco de vista, aos poucos, porque mais adiante outras parecem-me ainda em botão.

— Não é muito bonito, mas nada tem de offensivo.

Achas?

— Ha quarenta annos, sem psychologias malsãs, semas apenas um bandoleiro. Agora, com essa mania de analyse das proprias sensações, é que te julgas um monstro. Luciano de Barros deitou fora o charuto que se lhe apagára entre os dedos.

— Infelizmente, nós somos levianos, nós os homens, em torno desse grave e doloroso sentimento. Que sou eu? Um homem que borboleteia a sua perversão pelos botões entreabertos da vida. Até é bonito! E quem uma vez sentiu a delicia deliciosa de uma bocca virgem que se entrega pela primeira vez, deve ter de mim inveja. Mas, se eu me sinto infame? Ainda agora venho de um caso assim. Era uma pequena de quinze annos, alegre como um passaro. O seu riso lembrava um chilreio e a sua bocca cheirava a rosa. Trez mezes depois, sincera, nobre, pura, ella amava sem interesse, apesar de pauperismo, sem nunca ter recebido uma ddiva que não fosse inteiramente inutil. Dera-lhe o meu nome, mas ignorava o que eu era, onde morava, qual o meu modo de vida. Amava como se ama aos quinze annos, cegamente, e eu tinha essa sensação meio triste, meio ridicula de me saber amado com um encanto de sonho. Que era ella? Um personagem de conto. Que era eu? O principe. A crise do amor na estufa preparada por mim floriu. Talvez eu mesmo estivesse mais apaixonado do que parecia. Propuz-lhe a fuga, o rapto. Resistiu com o seu fundo honesto, tanto que lhe propuz casamento. Ella sorriu entre lagrimas, erguendo os dous grandes olhos negros. — «Não sabes o que dizes! Somos de condições tão differentes! Isso é impossivel.» — Mas, então, que queres? — «Nada, não quero nada, cousa nenhuma.» Eu voltei, continuei a vel-a, mas insensivelmente, a minha lamentavel alma sentia a necessidade do afastamento, querendo conservá-la. Ella continuava tal qual, illuminando o semblante quando me via. Certa vez disse-me: — «A's vezes quasi não tenho coragem de voltar á casa, com medo de me matar.» — Vem comigo, então? — «Não, já hoje chorei tanto.» Eu gosava aquelle martirio por minha causa, aquella innocencia perturbada pela minha figura. Ha quinze dias que não a vi á janella. Passel no outro dia, e interrogué a vizinhança. Tinham-na levado os padrinhos por causa de umas crises de choro que a definhavam. E eu estou na agonia, a pensar



CORINA

Dona Corina acabava de vestir-se para jantar, quando o marido, o commendador Veridiano Braga, proprietário da fabrica de tecidos «Santa Emilia», entrou no quarto, para comunicar-lhe:

— Sabes de uma cousa? Vamos ter, hoje, na nossa recepção, um personagem illustre: o senador Castro Santos, que chegou, hoje, do Rio, de passagem para a Argentina. O Gomensóro convidou-o e, como o navio dormisse no porto, ficou resolvido que elle viria a terra, para uma festa de familia.

Não fosse a camada de «rouge» que cobria o rosto da elegante senhora, e o marido teria notado a fuga do sangue, que se lhe concentrou, todo, no coração. Tamanha havia sido, porém, a emoção, que o arminho com que se empoava rolara para debaixo da penteadeira, ao mesmo tempo que a victima daquelle susto fechava os olhos, como quem é puxado, de subito, no oceano, para um imprevisto mergulho no abysmo.

Filha de Pernambuco, onde tivera mocidade modesta, conhecera Corina, alli, ha vinte e cinco annos, esse que era, agora, o famoso senador Castro Santos. Haviam si lo namorados, e atingido, mesmo, ao noivado. Era elle, então, simples estudante de Direito, e ella uma pequena encantadora, de lindos olhos, linda bocca, lindos dentes, e dona do cóllo mais lindo da cidade. Certo dia, seguira Castro Santos, em férias, para o Maranhão. Durante a sua ausencia, passou pelo Recife um caixeiro viajante da Bahia. Aconselhada pela familia, que lhe assegurava não ser o estudante um homem sério, accitou a côrte do novo pretendente, e embarcou para o sul. E estava, já, em Santos, com o marido, transformado em commenda e opulento industrial, quando soube que o seu antigo noivo de Pernambuco era o actual senador Castro Santos, cujo nome era pronunciado com respeito, e com admiração, por todo o paiz.

O aviso do esposo serviu, principalmente, para que Dona Corina se fizesse, nessa noite, mais bonita. Certo, ella não era mais aquella moreninha de vinte e cinco annos atraz, senhora do mais lindo collo de Pernambuco; era, no entanto, ainda, nos seus quarenta e trez annos sadios, um bello typo de mulher, envelhecida por alguns fios brancos da cabelleira mas rejuvenescida, em compensação, pelo brilho malicioso dos olhos. Quem comparasse, porém, a mme. Veridiano Braga de hoje com a Corina Monteiro, de Pernambuco, chegaria, apenas, a uma conclusão: a de que eram creaturas, sem a menor semelhança. A mulher de agora, nada tinha, em absoluto, da menina que nella desaparecera.

— Elle saberá, por acaso, que sou eu? — pensava, numa commoção de noivado, a elegante senhora retocando, diante do espelho, o «bistre» das sobrancheiras, o carmin do rosto, a nodoa de sangue da pequenina bocca pintada.

Horas depois, estava Corina certa de que o senador nada, absolutamente, suspeitara. Polido, amavel, gracioso, fôra, para ella, de uma gentileza encantadora. E olhando aquelle homem tão distincto, tão fino, tão elegante na sua grandeza e no seu talento, a moça teve impetos de correr sobre o marido, e estrangulal-o, como se elle fosse o culpado de ella não ser, com orgulho, diante do mundo, a esposa, a companheira, a socia quotidiana daquelle famosa gloria politica.

Mais do que a prudencia valia, porém, naquelle espirito de leviana, a vaidade do que fôra. E foi com a idéa de revellar-se, de apresentar-se diante d'aquelle homem illustre como a antiga dona de seus beijos, que correu ao seu quarto de dormir, exhumou um seu retrato de mocidade, indo collocar-o, cautelosa, sobre o piano, na sala de musica. Feito isso, foi dar o braço ao senador, mostrando-lhe aqui um quadro, alli uma porcellana, até que estacaram, os dois, diante do piano, examinando os retratos, os «bibelots», os pequenos nadas que o ornamentavam.

Anciosa, afflicta, o coração junto dos dentes, Corina acompanhava os olhos, os gestos, as menores impressões do homem illustre, que a trazia ao seu braço. Foi, pois, com despeito quasi contido, que o viu tomar do retrato antigo, tiral-o sem um estremecimento e indagar quasi com desinteresse:

— E' alguma das suas amiguinhas, madame?

— Não senhor, senador, — respondeu a moça, quasi um desmaio. — Sou eu mesma, quando moça.

E como elle não lhe dêsse uma palavra:

— Por que? Acha-o parecido com alguém?

— Semelhanças, apenas, — fez o grãte parlamentar, com displicencia elegante. — Lembra-me, vagamente, alguém, mas alguém cuja lembrança seria, talvez, nesta casa, uma profanação.

— Caso de amor? — indagou Corina, num horrivel esforço sobre si mesma.

Castro Santos levantou os hombros:

— Cousas de mocidade... Uma desgraçadinha que amei quando estudante, e que me prestou o maior serviço do mundo, abandonando-me...

Olhou, de novo, o retrato, insistindo num sorriso de desdém:

— Não fôsse isso, e eu seria, talvez o desgraçado marido, que ella, si não morreu, e com o temperamento que tinha, anda, com certeza, enganando por ahi...

E voltaram, de novo, ao salão.

Batu Allah



O HUMORISMO NOS ESTADOS

O ARANTES

Juquita, apesar de desenleado e garboso frequentador de bailes na cidade de Canindé, não parecendo caipira na «sua» terra, ao chegar a S. Paulo, como succede aos moradores de cidades do interior, perdia a «linha» e dava logo a perceber que não era da capital.

Erecto no seu terno preto, subia pela rua de S. Bento, mal relanceando os olhos pelas vitrines, andando quasi a se esfregar pelas paredes á passagem de um bonde ou de um «auto». De chapéu claro, boina «cri-cri» ringideira, gravatinha preta entalada no collarinho «Santos Dumont», deixava ver, atravessando a barriga, amarella e perada corrente de ouro, com a sua indispensavel medalha cravejada de brilhantes, estrelleando ao sol.

Havia nessa epoca em S. Paulo um celebre gatuno e «vigarista», o Arantes.

Ao desembocar na rua Direita, Juquita «deu de cara» com um individuo inícuo, com ares de «conhecido não se sabe de onde», sorridente, que o cumprimentou, expansivo:

— Oh!... O Sr. por aqui!

— E' verdade...

— Ha quantos annos não «lhe» vial! Creio que ha uns dois annos nos vimos pela ultima vez em... não me lembra em que cidade...

— Talvez em Canindé.

— Issol! Isso mesmo! Foi naquella grande festa...

— Do Divino...

— Issol! Issol! Tal-e-qual! Faça idéa... Que bello encontro.

— E'... eu me parece que estou lhe conhecendo.

— Estivemos no bilhar...

— E' verdade...

— Gostei muito daquelle Coronel que móra no Pátio da Matriz.

— Ah! O Zé Luciano...

— Issol! Issol! — E o vigarista malandro ia citando tudo quanto ha em cidades do interior e dalli a pouco citava os nomes que ia colhendo na conversa. O «plano» estava encaminhado: se lhe

escapasse o re'ogio, o «grillo» de ouro, apanharia o almocço, pois já eram «dez e tanto»...

— Esqueci-me foi do seu nome todo.

— José Valeriano, mais conhecido por Juquita.

— Issol! Sim senhor! Isto de viajar muito como v'iajo estabelece uma confusão no espirito da gente...

— Mas o senhor é morador daqui mesmo?

— Móro... Sou corrector na praça e estou ao seu inteiro d'spor, se tiver negocios a fazer.

— Obrigado. Estou só a passeio.

Arantes, gen'íl e communicativo, deu-lhe um tapinha no hombro:

— Vae-me dar o praser de almoçar commigo!

— Não faltará occasião...

— E' já! Deixe-se disso... Estamos justamente perto da «Sercia», o meu restaurante predilecto. Vamos! — E arrastou a victima...

A «Sercia» era installada em casa terrea e so tomava os compartimentos dos fundos. No fim do corredor longo e estreito, ficava o salão de refeições, com seus «garçons» que pareciam ter pés de chumbo, pois o assoalho estava gasto a golpes de tacão.

O almoço foi lauto precedido por um aperitivo caro, e após este, com toda a «pose», entregando a lista ao amigo, disse-lhe o enfatuado Arantes:

— Dirija!

— Não! Tenha paciencia... O amigo conhece melhor a casa que eu.

— Pois sim. — E ao copeiro, com «pose».

— Traz «mayoneza» de lagostas acompanhada de «Bucellas» velho.

Depois vieram peixes caros, garopa amarella e um «caviarsinho» não faltou á entrada. Foi almoço de «lord» em que figuraram suculentas v'jandas e delicados pratos, tudo acompanhado de adequados vinhos. Após os «Chambertein», «St. Emilleon» e outros, a Champanha, os licores e os charutos legitimos havanas...

Palrador, alegre, cortez, feliz, o Arantes falando sobre corretagens, teve um movimento brusco de surpresa... Olhou para o relo-





A NOÇÃO DA HONRA

Ha quem entenda que a honra feminina se resume no pudor. E' falso isto. O pudor apura-se com a honra, elle não constitue só por si a honra feminina. Para mim a honra feminina reside no culto dos deveres por parte da mulher. Ella sabe que a sua posição social resulta da sua reputação, e se colloca em guarda para defender essa reputação. Enquanto virgem, propõe-se a obter um marido e a essa relativa independencia que o casamento dá. Ora, ella sabe que sem pratica rigorosa de virtudes não casará, e, mesmo não pretendendo casar, sem reputação illibada logo se esbatecerá entre ella e a sociedade uma barreira. Era assim pelo menos; por isso mesmo o sentimento moral era mais forte do que vae sendo hoje. Tudo aconselha a mulher, no seu proprio interesse, a recatar-se. Casada, dous sentimentos vêm juntar-se a vida: o do respeito a si mesma e ao nome dos proprios filhos. Sem o respeito a si mesma logo afrouxa o do esposo, e o lar estremece ameaçado de ruina; sem o respeito aos filhos, que a mulher ardentemente ama, e pelos quaes chega a sacrificar-se, estes serão as maiores victimas de sua incorrecção.

Tudo isso aguça a responsabilidade da mulher e lhe excita o sentimento da honra. Terraillon sus-

tenta com razão que a honra feminina exprime um facto, exclusivamente social, o dever da mulher em ficar sempre digna do papel especial, que ella tem ou que terá na familia, e que consiste em assegurar a esta não só a perpetuidade mas tambem uma especie de identidade moral, isto é, a pureza da linhagem. Assim, a mulher não deve apenas ser honesta, mas ainda mostrar que o é.

Tal honra não constitue, aliás, privilegio da casada. A virgem possui a sua honra, e, resistindo ás solicitações imperiosas da carne na fase em que se observa a carga impetuosa dos sentidos, offerece á sociedade a medida de sua futura energia, quando esposa, tiver que resguardar o nome e a integridade de seu lar.

Estes sentimentos exalçam a mulher e dão-lhe essa aureola de virtudes que a santificam na familia e defendem a sociedade de um completo aniquilamento. Como o homem vae ao assassinio ou ao suicidio por questões de honra domestica, a mulher escreve paginas admiraveis de resistencia e de heroismo pelo mesmo motivo. A historia está cheia dellas.

lamos Brito

nessa creatura pura e doce.

— D. João, socego! Has de ver a pequena casada, como as outras.

— Ou perdida, sentenciou, grave, Lauriana.

Luciano ergueu-se, concertando a gravata branca.

— Ou talvez morta, porque já tem acontecido...

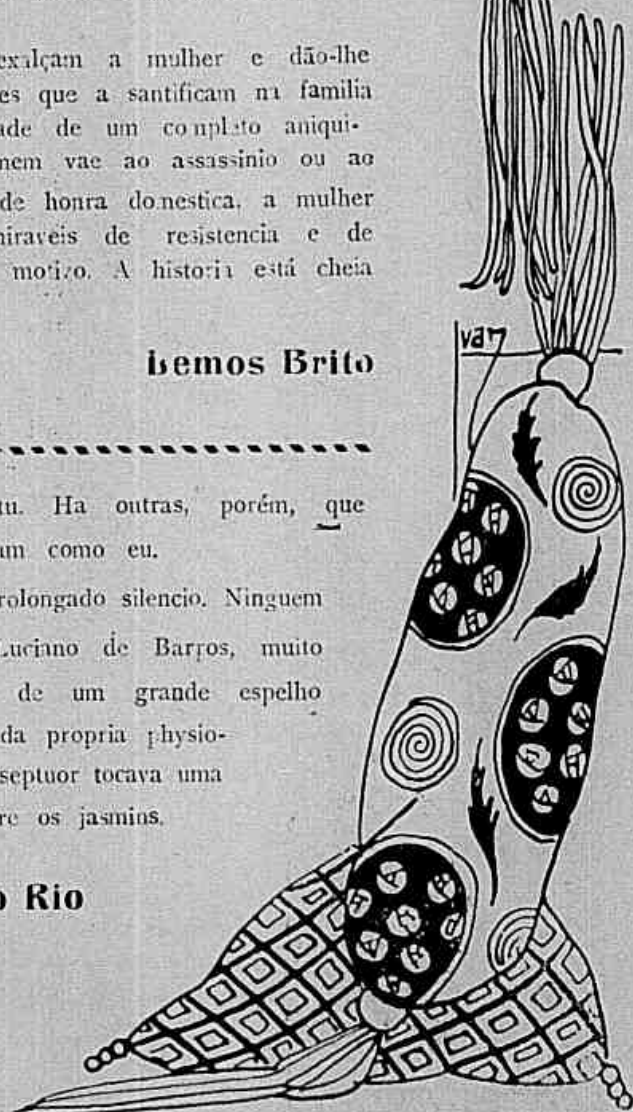
Então a linda Lauriana sorriu com infinita tristeza.

— Mas não te julgues, com este exagero de analyse e de pretensão, o unico monstro, meu caro amigo. A cidade está cheia desses defloradores do amor. A vida é uma luta de sexos. Ha creaturinhas que morrem ceifadas em botão, depois de levemente aspiradas pelos intellectuaes

gastos como tu. Ha outras, porém, que resistem e ficam como eu.

Houve um prolongado silencio. Ninguém riu. E só, Luciano de Barros, muito pallido, diante de um grande espelho parecia pasmo da propria physiognomia. Fóra, o septuor tocava uma valsa lenta, entre os jasmims.

João do Rio



Annaes da Synagoga



Não obstante as suas barbas hirsutas, e aquelle nariz aquilino, que parecia espiar, curioso, para o abysmo da boca dissimulada sob os bigodes, Abrahão Salazar não era um homem triste. Na Synagoga, nas reuniões religiosas, era, mesmo, dos menos soturnos, a ponto de ter sido censurado uma vez, com os olhos, pelo rabbino Melchisedec.

Foi, por isso, motivo para estranheza o modo porque aquelle honrado descendente de Israel entrou, naquella noite, no pequeno prelio da rua da Alfandega, onde se iam erguer novas preces pela felicidade dos judeus espalhados por todo o mundo. E como ninguém tivesse mais intimidades com elle do que o velho Isaac Labbareff, foi a este que coube o direito de approximar-se de Abrahão, para uma pergunta fraternal.

— Estás doente? — indagou, com os olhos muito pequenos, muito vivos, falcando entre as sobranceiras revôltas, como dois diamantes escondidos na relva.

(Conclusão d'O ARANTES)

pela frente, esbofado e afflicto, o seu amphitrião!

— Oh! Meu amigo! Maldita vida de corrector! Nem pode almoçar sosegado com um amigo!... Irra! Aquelle cacete do Commendador Taurino prendeu-me até agora!... Por que não me esperou mais um pouquinho?

— E'... Respondeu, magoadissimo o Juquita — Passei por uma dos diabos... Estou no «Hotel do Oeste» e deixei, de medo dos ladrões, quasi todo o meu dinheiro com o Zucchi... Tive de deixar em garantia na «Sereia» o meu «Pateck» e a corrente, no valor de «um conto»...

— Que desaforo d'aquelle portuguez!... Ah!... galego safado... Hade pagar caro o desaforo... Vou dar-lhe uma lição.

— Deixe... Vou ao hotel n'um instante... Não se incomode... Faço agora questão de pagar as despesas... Mais tarde nos encontraremos, e o amigo irá jantar commigo, no Zucchi...

— Não senhor!... E' bôa!... Isso não! Não admitto que pague coisa alguma áaquelle cachorro daquelle galego. Vá sosegado para o hotel... Irei jantar «comsigo» e levar-lhe-ei o relógio.

— Está bem... «Então té logo»...

Ancioso deu Arantes o «fôra» e «bateu» para a «Sereia».

A sua entrada espalhafatosa causou geral espanto! Deitando importancia, resolute, Arantes dirigiu-se á caixa.

— Deixa ver a nota da despeza... Que ladroeira!...

— Não. Uma desgraça.

Os olhos de Isaac refulgiram ainda mais.

— Deixaram de pagar-te algum empréstimo? — indagou.

— Não, — informou, secco, Abrahão Salazar.

E cerrando o cenho:

— Imagina tu, que, ao entrar em casa, encontrei o Daniel, Daniel Shakaroff, aos abraços com minha mulher!

— E não o mataste? — indagou, reuando, o velho judeu.

— Não. E é isso que me revôlta. Eu não podia matá-lo.

— Não podias? — rugiu o ancião.

E Abrahão, os punhos fechados, os dentes cerrados, na raiva de quem se sente manietado:

— Não sabes, então, que elle me deve duzentos mil reis?

Jacob Aben-Athar

Não ha policia nesta terra.. (O «seo» Monteiro estava embasbacado).. Emtim... Pague-se! E estendeu uma «pellega» de 200, recebendo o troco, com ar de desprezo:

— O senhor precisa saber tratar melhor sua freguesia... Isso não se faz... Queira entregar-me o relógio que meu amigo lhe deu em pagamento...

— Que rulojo?!

— Que ahí ficou penhorado!

O portuguez estourou numa gargalhada:

— U rulojo!... U rulojo... Mas si elle cá não o deixou... E' vóá... u rulojo... Quia... quia... quia... quia!!!

Arantes sahiu «zonzo», ouvindo da rua o gostoso gargalhar do portuguez...

CORNELIO PIRES.

Para molestias da Pelle



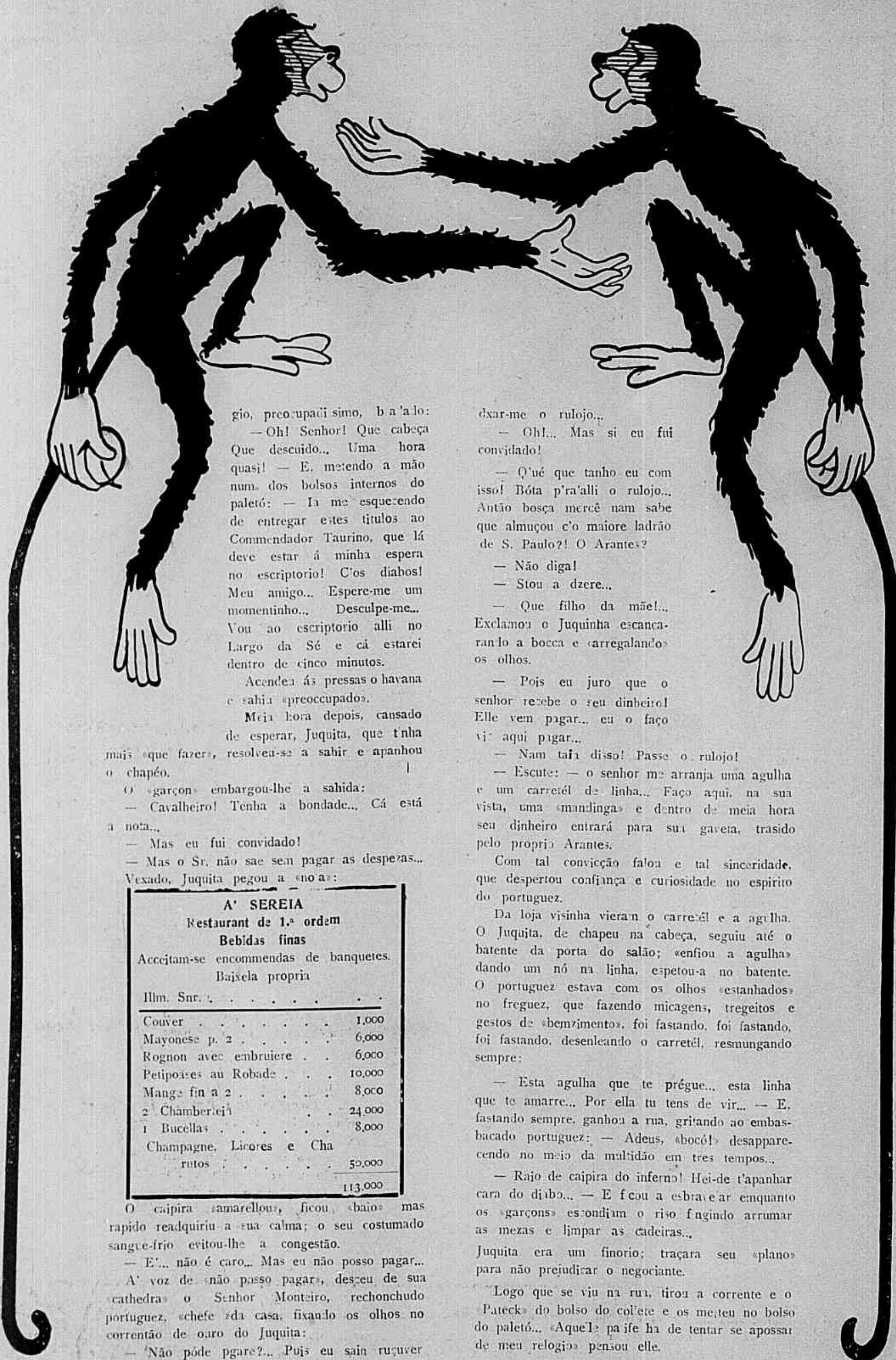
Dr. Eduardo França

Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

Uma experiencia custa apenas: liquido: 2\$500
Pasta: 2\$000

À venda em toda parte — Em São Paulo: Casa Lebre — Deposito geral: Casa Hermann, Rio.





gio, preocupado simo, b a'a lo:

— Oh! Senhor! Que cabeça
Que descuido... Uma hora
quasi! — E, metendo a mão
num dos bolsos internos do
paletó: — Ia me esquecendo
de entregar estes títulos ao
Commendador Taurino, que lá
deve estar á minha espera
no escriptorio! C'os diabos!
Meu amigo... Espere-me um
momentinho... Desculpe-me...
Vou ao escriptorio alli no
Largo da Sé e cá estarei
dentro de cinco minutos.

Acendeu ás pressas o havana
e sahia «preoccupado».

Meia hora depois, cansado
de esperar, Juquita, que tinha
mais «que fazer», resolveu-se a sair e apanhou
o chapéo.

O «garçon» embargou-lhe a saída:

— Cavalheiro! Tenha a bondade... Cá está
a nota...

— Mas eu fui convidado!

— Mas o Sr. não sae sem pagar as despesas...

Vexado, Juquita pegou a «nota»:

A' SEREIA	
Restaurant de 1. ^a ordem	
Bebidas finas	
Acceptam-se encomendas de banquetes.	
Baixela propria	
Illm. Snr.	
Couver	1,000
Mayonese p. 2	6,000
Rognon avec embuierie	6,000
Petiposées au Robade	10,000
Mange fin a 2	8,000
2 Chamberteja	24,000
1 Bucellas	8,000
Champagne, Licores e Cha rutos	50,000
	113,000

O «caipira» amarellou, ficou «baio» mas
rapido readquiriu a «sua calma»; o seu costumeado
sangue-frio evitou-lhe a congestão.

— E... não é caro... Mas eu não posso pagar...

A' voz de «não posso pagar», desceu de sua
cathedra o Senhor Monteiro, rechonchudo
portuguez, «chefe» da casa, fixando os olhos no
correntão de ouro do Juquita:

— Não pôde pgare?... Pois eu saín ruquer
nam fico! Bôça mercê si dinhairo nam tain, bae

dxar-me o relójo...

— Oh!... Mas si eu fui
convidado!

— Q'ué que tanho eu com
isso! Bóta p'ra'alli o relójo...
Antão bôça mercê nam sabe
que almoçou c'o maior ladrão
de S. Paulo?! O Arantes?

— Não diga!

— Stou a dzere...

— Que filho da mãe!...
Exclamou o Juquina escanca-
rando a bocca e «arregalando»
os olhos.

— Pois eu juro que o
senhor recebe o seu dinheiro!
Elle vem pagar... eu o faço
vir aqui pagar...

— Nam taia disso! Passe o relójo!

— Escute: — o senhor me arranja uma agulha
e um carretil de linha... Faço aqui, na sua
vista, uma «mandinga» e dentro de meia hora
seu dinheiro entrará para sua gaveta, trasido
pelo proprio Arantes.

Com tal convicção falou e tal sinceridade,
que despertou confiança e curiosidade no espirito
do portuguez.

Da loja vizinha vieram o carretil e a agulha.
O Juquita, de chapéo na cabeça, seguiu até o
batente da porta do salão; «enfiou a agulha»
dando um nó na linha, espetou-a no batente.
O portuguez estava com os olhos «estanhados»
no freguez, que fazendo micagens, trejeitos e
gestos de «bemzimento», foi fastando, foi fastando,
foi fastando, desenleando o carretil, resmungando
sempre:

— Esta agulha que te prégue... esta linha
que te amarre... Por ella tu tens de vir... — E,
fastando sempre, ganhou a rua, gritando ao embas-
bacado portuguez: — Adeus, «bocó!» desapare-
cendo no meio da multidão em tres tempos...

— Rajo de caipira do inferno! Hei-de t'apanhar
cara do diabo... — E ficou a esbravear enquanto
os «garçons» esondiam o riso fingindo arrumar
as mezas e limpar as cadeiras...

Juquita era um finório; traçara seu «plano»
para não prejudicar o negociante.

Logo que se viu na rua, tirou a corrente e o
Pateck do bolso do collete e os metteu no bolso
do paletó... «Aquele paife ha de tentar se apossar
de meu relójo» pensou elle.

Ao entrar na rua Quinze eis que lhe surge

ESTRELLINHAS & ESTRELLÕES

BELMIRA DE ALMEIDA

Na vigília de São Sylvestre, no anno de mil oitocentos e oitenta e muitos, ella entrou no valle de lagrimas deste mundo. Estouravam rojões e morteiros, repicavam sinos, saudando o Anno Novo. Lisboa vibrava de alacridade e de ruído ensurdecedor.

Nascendo num quartel, onde seu pae, honrado official do exercito portuguez, servia e morava nesse tempo, ella entrou na vida ao som de hymnos marciaes.

Ao cahir dessa noite, como brilhasse Marte rubramente, discutiam, na ante-camara de sua progenitora, já em aprestos de «delivrance», o nome que seria dado ao futuro servidor da patria, que o destino parecia devotar á profissão das armas.

— Ha de chamar-se Viriato, dizia um...

— Qual Viriato!... Nun'Alvares é que elle será — dizia outro...

Ao soltar a recém-nascida o primeiro vagido, envolta no primeiro linho, seu pae foi leval-a como offerenda ao deus da guerra.

Em vão, entretanto, rebuscou na vastidão infinita o rubro bruxolear que lhe marcava o futuro da próle — apenas, na linha do horizonte, Venus sorria, estendendo os braços para recolher no regaço das suas eleitas a pequenina Belmira.

E a vida começou... E Belmira mamou, cresceu e estudou. Depois... empolgou-a a vocação para o palco. Muito cedo, não contando ainda quinze annos, estreou no Theatro Trindade, na revista «Sua alteza Real, o Príncipe Consorte». Com sorte, porem não era o príncipe, mas o Taveira, que assim lançava uma estrella no theatro.

Tempos depois vindo ao Brasil, ella estreou no Theatro Recreio com a mesma revista de sua apresentação em Lisboa.

Passando então em revista suas aptidões resolveu Belmira passar para outro genero — e resurgiu no Theatro Pequeno, fazendo «Castellos no ar». Esses castellos, porém, ella somente os fazia no palco. Cá fóra Belmira fazia admiradores na platéa e adoradores na «jeunesse dorée».

D'ahi seguiu para o elenco do Dr. Fróes, para ir mais tarde para a Companhia Alexandre de Azevedo, firmando-se na Constellação do theatro nacional como estrella de primeira grandeza.

Foi essa, segundo ella mesma confessa, a quadra rosea de sua vida. Sahindo pela madrugada das luzes da ribalta ella se recolhia á penumbra da «chaumière», na Villa Ruy Barbosa e amava... amava como se ama uma só vez na vida... Corria suavemente, assim, o anno de 1916.

Voltando á Europa e depois dali repousar algum tempo, tornou novamente ao Brasil, com a Companhia Chaby, para aqui se fixar definitivamente, mais brasileira do que nunca. Apesar de suas graças naturaes, que a fize-

ram vencedora num concurso de belleza, no concurso do «Theatro Sport», Belmira só tem uma vaidade, sentir-se querida pelo seu bom coração. Sua graphologia, revelada em traços firmes e elegantes, nos apresenta Belmira como um interessante typo de mulher sentimental — caritativa e affectuosa, a melhor das amigas e a mais generosa das collegas, na vida do theatro.

Nunca foi casada e nem tem filhos — talvez por isso seu coração transborda de ternura.

Sua generosidade é proverbial, o que muitas vezes lhe acarreta surpresas desagradaveis.

Certo dia, por exemplo, ao despertar, batiam-lhe á porta os mejrinhos. Era um mandato de penhora. Um negociante, pouco amavel, queria cobrar-se, pela justiça, de uma promissoria que Belmira endossara garantindo a conta do sapateiro de uma collega. Pagando a letra ella sorria da aventura e se esquecia de recriminar a amiga taltosa.

Das tres operações que fez, duas em casa de saude e uma no cartorio de um tabellião, a de melhor resultado foi sem duvida a última, na qual assignou a escriptura de um villino, onde mora, no bairro da Tijuca e onde a vida lhe corre confortavel entre as delicias de uma piscina de natção e as commodas almofadas de tres automoveis de luxo.

Trenando, quem sabe? para a cinematographia, ella se esmerou na cultura dos sports e hoje, depois de tornar-se eximia nadadora, joga tennis como Mlle. Lenglen, dirige um auto tão bem como George Walsh, faz equitação como Tom Mix.

Aprecadora de animaes de raça e dentre estes adorando os cachorrinhos, prefere a todos o «loulou», que é, diz ella, o mais carinhoso.

Como toda mulher chic tem caprichos e extravagancias — é assim que depois de qualquer refeição (ella é frugivora), não dispensa uma pêra bem madura. E Belmira explica — a fruta verde melhora o apetite, mas a madura ajuda a digestão.

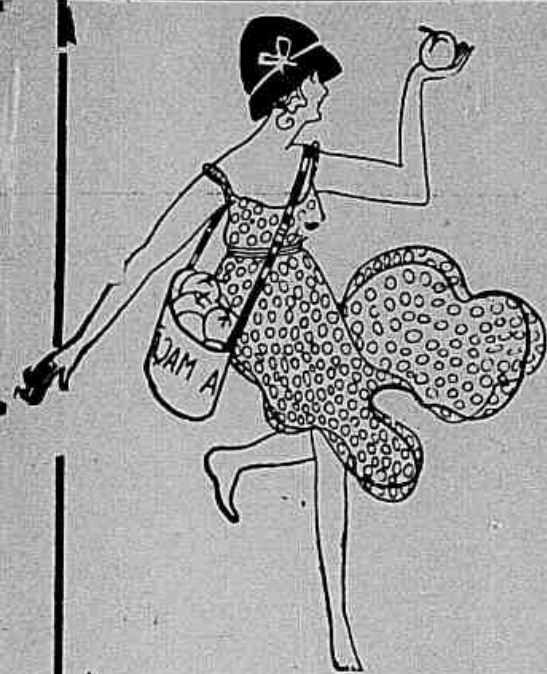
Dahi, talvez o bizarro destino dessa «charmeuse» que começou fazendo «Castellos no Ar» no Theatro Pequeno para acabar fascinando o «Bezerro de ouro» no... Trianon.

Max

A batalha... das vaidades

O jovem autor theatral, cujo merito é apaixonadamente discutido na imprensa e na classe, resolveu fundar uma companhia futurista, com o auxilio de artistas de valor. Para uma empreza d'estas é preciso, porém, dinheiro. E o moço teve uma idéa: dedicar cada uma das peças a montar pela companhia, a uma senhora rica, da sociedade carioca. A benemerita terá direito a retrato no panno de bocca, a ser chamada em publico, e a apothése, com reuerros luminosos, no fim do 1.º acto.

Desnecessario é dizer que o jovem autor theatral já tem quatro peças montadas, que lhe renderam, antes da primeira representação, quarenta contos de reis...



ESTRELLINHAS & ESTRELLÕES



BELMIRA DE ALMEIDA

THEATRO BOCCACIO

O OVO DE COLOMBO

COMEDIA EM 1 ACTO DE JAN RICHORA

PERSONAGENS:

Colombo — 55 annos.
 Camilla — 50 annos.
 Raphaelino — 48 annos.
 Zesinho — 41 annos.

ACTO UNICO

Em casa de Colombo — Varanda para o jardim — Uma cadeira de balanço e um banco de madeira para tres pessoas.

SCENA 1.^a

COLOMBO e CAMILLA

COLOMBO — (na cadeira de balanço, afrouxando a cintura — para Camilla que está em pé, olhando o jardim) — Esse bacalhão... donde é?

CAMILLA — (sem se voltar) É de «seu» Manoel...

COLOMBO — Mas não é igual ao que veio o mez passado.

CAMILLA — Se é igual eu não sei... o que sei é que custa mais caro... Agora todo dia é assim... Um tostão hoje... um tostão amanhã... E vai tudo por ahí acima.

COLOMBO — Deixa de lamuria... O que sei é que elle é magnifico... Nem parece pichelim... A gente jura que é de caixa... Também a Rosa é extraordinaria para fazer bacalhão na brasa. Por mim ainda teria comido mais.

CAMILLA — Era melhor... Estoura-va logo de uma vez. Logo mais é que vamos ver o bacalhão na brasa. Acho bom você ir desde já tomando o bicarbonato.

COLOMBO — Qual bicarbonato, filha... Eu quero mas é um copo d'agua bem geladinha... É pena ser tão salgado...

CAMILLA — É... Bem salgado... Tres mil e quinhentos o kilo...

COLOMBO — (afrouxando mais um botao) Em compensação o kilo é bem pesado... Estou aqui que até parece que comi uma baleia...

CAMILLA — Ainda levas em brincadeira...

COLOMBO — Que quer você que eu faça? Que chore somente porque o bacalhão estava gostoso?!

CAMILLA — Quero que tome a serio as cousas... Nós não estamos em condições de pagar tres mil e quinhentos por um kilo de bacalhão.

COLOMBO — E quem disse que pagamos?

CAMILLA — Então o bacalhão não é para se pagar?

COLOMBO — Quem foi que fallou em pagar?... Também vocês não prestam attenção a nada... Pois olhe que eu expliquei bem. Diga a «seu» Manoel que mande 2 kilos de bacalhão superior... para botar na conta...

CAMILLA — E a conta?... Não se paga?

COLOMBO — Que?!... Uma conta tão velha!...

CAMILLA — Então... não, não é velha...

COLOMBO — E' por isso mesmo... Quem esperou até agora, espera um pouco mais para não perder o freguez.

CAMILLA — Você então não pretende pagar a conta de «seu» Manoel?...

COLOMBO — E essa?!... Você tem cada uma! Onde é que se viu alguém pagar conta velha?!...

CAMILLA — E si elle não quizer mais botar na conta...

COLOMBO — Na velha?...

CAMILLA — Sim...

COLOMBO — Que tem isso? Mando abrir uma outra... nova...

CAMILLA — Para você pagar?...



O CASTIGO DA GABOLICE



Basilio Borges Coelho era um dos sujeitos mais gabolas que têm apparecido sobre a terra. Não havia mulher bonita que elle não tivesse conquistado. E como, desprezando a qualidade, fazia questão, principalmente, da quantidade, vangloriava-se não só da paixão que por elle nutriam as senhoras de sociedade, como, também, as creadas, as copeiras, as arrumadeiras, gente da mais humilde condição.

Os companheiros, rapazes da sua roda, admiravam aquella felicidade do peralta:

— E' um felizardo, o Basilio! Não ha mulher que resista!

Borges Coelho deliciava-se com a sua propria fama e, dia a dia, tornava-se mais audacioso, nas suas mentiras. E de tal modo que, um dia, versando a palestra sobre uma senhorita mais ou menos leviana, affirmou:

— A Mariasinha? Meu Deus! ha quanto tempo ella é minha!

— Garantes?

— Palavra d'honra!

(Cont. de DALILA)

para nós: eu crejo que fará de Miranton o que quizer.

— Eu não creio.

— Pois, é verdade. A não ser que...

— Que é que tem? Uma combinação?

— Não. Mas eu posso, talvez, te fornecer o meio de por Kid Durand sobre os joelhos no primeiro «swing» de Miranton. Cinco mil francos, em caso de successo... Aceitas?

— Está fechado! Explica-te.

— E' bem simples. Kid Durand não cessa de falar na «pequena» de Miranton. Está apaixonado. Eu o sei, eu, que durmo no quarto d'elle, para vigial-o. Então, tu comprehendes: que a «pequena» passe a noite com elle na vespera do «match», e Miranton, no primeiro «round», será vencedor por «knock-out».

— Sim, mas Miranton não occuparia isso nunca. Elle é doído por ella e, em materia de ciúmes, é uma fera.

— Não esqueças que a bolsa é de 200.000 francos... E que haverá uma viagem á America...

— Bom; eu vou tentar... — prometteu o «entraîneur», após um minuto de reflexão.

Durante dois dias o pobre homem perguntou a si mesmo como poderia propor o negocio a Miranton. Afinal, resolveu dirigir-se, directamente, á rapariga.

— A victoria do teu amigo — disse-lhe elle, com clareza, — depende de ti. Si fizeres o sacrificio que se requer Miranton terá vencido. Durand desde o primeiro «round».

— Comprehando... — sorriu a rapariga. — Mas não era preciso prevenir; desde que Miranton começou a treinar, estamos vivendo cada um para seu lado.

— Não; não é isso, — tornou o «entraîneur». — E' preciso que tu conquistes o seu adversario, passando uma noite com elle.

E, no entanto, era mentira. Creada por um pae sem cuidados, a ruocinha possuia um namorado que havia abusado da sua pureza. Esse não tinha, porém, com Borges Coelho, a minima semelhança.

Certo dia, o pae de Mariasinha deu queixa á Policia. A filha tinha sido seduzida, recusando, porém, declarar o nome do seductor. E um nome appareceu, logo, em todas as bocas: o seductor havia sido Basilio Borges Coelho, que havia, mezes antes, publicamente, se vangloriado do seu crime.

Hoje, Basilio está casado com a Mariasinha, cujo amor havia pertencido a outro. E o seu maior castigo, consiste em acariciar, á tarde, a cabecita de um pirralho muito louro, que elle sabe, perfeitamente, que não é seu...

TENENTE MARTINS

— Eu?... Oh!...

— Dez mil francos para ti... e Miranton campeão da Europa! Isso não te significa nada? Tu não tens, então, amor ao teu companheiro?

— Oh, sim!... Mas... eu terei dez mil francos?

— Já t'os prometti. E tu sabes que eu sou um homem serio.

III

Na vespera do «match», Panouille mandou Kid Durand deitar-se ás nove horas.

— Descança bem... — recommendou. — Amanhã, é o grande dia.

A esperanza do «box» francez começava a adormecer quando viu uma forma branca debruçar-se sobre o seu leito.

— E's tu, Planquart? — perguntou.

— Não, meu querido. Sou eu...

E, ao apertar o commutador electrico, reconheceu a «pequena» de Miranton. Esta já se achava, porém ao seu lado, enlaçando-o com os seus braços roliços debaixo do mesmo lençol...

IV

No dia seguinte, Kid Durand se esborrachou sobre o «ring» desde o primeiro «round»: Battling Miranton o havia derrotado com uma facilidade espantosa.

— Palavra, que não comprehendo nada! — exclamava Panouille, desolado.

Emquanto isso, o novo campeão de pesos leves abraçava commovidamente a sua linda amiga, radiosa de alegria, sob os applausos vibrantes de uma formidável multidão entusiasmada.

Clement Vautel

COMO EM FAMÍLIA

HUMORISTAS ESTRANGEIROS

Na idade de vinte annos, Cypriano despediu-se da familia e da cidade de Bezançon, onde vivia na rua do

Divino Espirito Santo, para seguir com destino a Paris. Era, então, de uma pureza de rola selvagem, a quem o Amor, esse co-inheiro impiedoso não havia ainda, depennado.

Chegado á Cidade Luz pela manhã, á noite estava num «music-hall», onde havia chamado a sua attenção o titulo tentador de uma revista, que tinha por nome — «Tu verás...». Logo ao entrar, vendo as formosas raparigas que havia por alli, apalpava de vez em quando a carteira, abundantemente provida pela mamã, e apalpava-se, tambem, a si mesmo, sem, contudo, ousar declarar-se. Tinha essa timidez, esse temor, esse medo assustado dos estreados, antes do levantamento do panno de bocca, — que era, talvez, nesse caso, de seda, ou de cambraia, com fitas no meio e graciosas rendas nas pontas.

Resolvido a esperar, installou-se em sua cadeira junto a um casal entrado em annos, e de aspecto accentuadamente burguez. Elle, era um senhor obeso e insignificante; ella, uma senhora volumosa e amabilissima, com pretenções a elegante.

De repente, ergue-se o panno, e começou a representação. Uma artista despida com um traje de fantasia, cantava, com voz aguda como uma lança, uma copla idiota:

«Tenho um gato mui o lindo
E se o quizeres tocar
Terás muito que pagar!»

— Meu Deus, que indecencia! — exclamou a senhora gorda. — Não acha cavalheiro?

Cypriano, a quem era dirigida a pergunta, confirmou as palavras daquela dama, de idade e peso tão respeitaveis.

— Oh, cavalheiro! — continuou a matrona. — Apesar de jovem, como é, vejo que tem mais austeridade do que meu marido, que já completou sessenta. Olhe como elle ri, e lhe cae o queixo, ao ouvir essas immundicies! Que homem repugnante!

Arrastado para aquella intimidade, Cypriano entabou conversação com os seus vizinhos. E de tal modo que, no primeiro intervallo, sahiram os tres, a tomar café.

— Quer dizer — perguntou a curiosa e casta burgueza, — quer dizer, que o senhor é de Bezançon...

— Sim, senhora, — confirmou o jovem. — Morava, lá, na rua do Divino...

— Rua do Divino? — interrompeu o velho, — Deve ser uma rua celestial!

— Celestial?...

— Não faça caso, cavalheiro. Olha Gontran: é vergonhoso que um commerciante como tu seja tão indelicado. Lembra-te da idade que tens!

— Ah, o senhor é commerciante? indagou Cypriano...

— Sim; e é um negocio qua prospéra de dia para dia.

— E' verdade, — atalhou a esposa. — um trabalho horrivel! Seis meninas e este Paris tão cheio de tentações! Quando acaso, sahimos á noite, temos...

— Uma...

— Uma governante! Nada, porém, como a disciplina domestica, suave e, ao mesmo tempo severa. Ah, as meninas! Quanta responsabilidade!... De modo que o senhor vem a Paris só para distrair-se?

— Sim, senhor, — confessou Cypriano.

— Faz o senhor muito bem. Um rapaz nas suas condições, bonito e rico, deve divertir-se. Cuidado, porém, com essas tentações de rua, essas mulheresinhas exploradoras, que ha por ahi. São uns monstros de perversão... E carissimas... Não é verdade, Gontran?

Recomeçou a representação, e o jovem, ouvindo os sensatos conselhos da respeitavel senhora, ia se sentindo cada vez mais virtuoso. Ao sparar-se, a dama convidou-o, amavel:

— Vá visitar-nos... ouviu? Uma vez que está habituado á vida de familia, ha de dar-se bem...

Cypriano dormiu só, naquela noite, e sonhou que se casava com as seis filhas da sua vizinha de cadeira. No outro dia, foi visitar os seus novos amigos. Uma creada de carinha maliciosa abriu-lhe a porta, e o jovem, sem saber como, achou-se, de repente, deante de uma fornida rapariga de raça negra, que o foi, logo, enlaçando, os dentes muito brancos.

— Olá, mimoso! Que belleza!...

— Quanta amabilidade! — pensou Cypriano. — E que creadagem numerosa!... Vou escrever a mamãe, contando...

Pouco depois, achou-se deante de outra jovem, vestida unicamente com um par de meias pretas. E logo appareceu uma especie de india, trazendo por todo traje a immensa cabelleira solta... Cinco, ao todo, appareceram, cada uma das quaes representava uma das partes do mundo, patenteando todos os relevos e emi-



Sigo...

COLOMBO — Pagar?! Quem fallou aqui em pagar?! ...
 CAMILLA — Para que... então... uma conta nova?!
 COLOMBO — E' boa! Para deixar ficar velha.
 CAMILLA — Então a conta velha não se paga...
 COLOMBO — E a nova a gente deixa ficar velha...
 CAMILLA — Qualquer dia você faz como o Paulino Lopes.
 COLOMBO — Que foi que o Paulino fez?
 CAMILLA — Foi reclamar ao açougueiro porque não queria mais dar.

COLOMBO — Desaforo!...

CAMILLA — Desaforo... não! Elle estava devendo quasi um conto de réis de fornecimento... Anno e meio sem pagar... e você ainda acha que o açougueiro não devia suspender!...

COLOMBO — Então suspendeu?

CAMILLA — Foi tão bom que disistio de cobrar... Pedio somente que o Paulino fosse comprar noutro açougue.

COLOMBO — E o Paulino?

CAMILLA — Concordeu... mas pediu um attestado.

COLOMBO — Um attestado?!

CAMILLA — Sim... Um attestado dizendo que elle tivera credito até um conto de réis...

COLOMBO — Mas... que não pagava...

CAMILLA — Mas? Isso o Paulino disse que não era preciso botar... Uma vez que ninguém perguntasse...

SCENA 2.^a

COLOMBO, CAMILLA, RAPHAELINO e ZEZINHO

COLOMBO — (Para Camilla, enquanto Raphaelino e Zezinho vão entrando) — Olha minha velha, quem vem ahi...

RAPHAELINO — Giboiando... um velho Colombo! Olha que você um dia estoura.

ZEZINHO — Hoje foi dia de mocotó.

COLOMBO — Não foi mocotó, mas foi bacalhão na brasa... Se vocês adivinhassem teriam vindo mais cedo.

(Cumprimentos etc.)

CAMILLA — Vou mandar ver um café... Deve estar ainda fresquinho... Acabamos de ajuntar neste momento.

COLOMBO — Traz tambem uns b'scoitinhos.

RAPHAELINO — Por mim... não. Aceito apenas o cafésinho.

ZEZINHO — E eu tambem. Não se encommode D. Camilla.

COLOMBO — Traga sempre os b'scoitos... Daquelles que tem summo de limão. E stou um pouco pesado... Deve ser falta de acido no estomago.

RAPHAELINO — Se é falta de acido... o citrus é bem applicado...

(Camilla sae)

SCENA 3.^a

COLOMBO, RAPHAELINO e ZEZINHO

ZEZINHO — (Para Colombo — depois de olhar para os lados — com ar mysterioso) — Sabe que cousa estamos fazendo aqui?

COLOMBO — Estou parafusando... Cousa boa não é... Vocês não vinham aqui somente para me ver...

RAPHAELINO — Com franqueza, não foi... Com tudo precisamos de você... Conta lá Zezinho...

ZEZINHO — Andamos atrás de uma viuva que tem uma filha...

COLOMBO — Uma filha não... Uma irmã...

ZEZINHO — Como é que você sabe?

COLOMBO — Imagino... Como vocês imaginam.

RAPHAELINO — (Para Zezinho) E' isso mesmo... Tambem pode ser irmã...

ZEZINHO — São parecidas... mas... você as conhece, Colombo?

COLOMBO — Se vocês procuram informações commigo, é que naturalmente ellas moram nesta rua...

RAPHAELINO — E' isso mesmo... E' admiravel.

COLOMBO — Não acho... Parece claro...

ZEZINHO — Afinal você conhece ou não conhece?

COLOMBO — De vista.

RAPHAELINO — Quem é ella?

COLOMBO — Ella quem?

RAPHAELINO — A mãe...

ZEZINHO — A filha...

COLOMBO — As duas irmãs...

ZEZINHO — E' isso... a irmã...

COLOMBO — Não sei... mas é facil de saber...

RAPHAELINO — Como?

COLOMBO — E' só perguntar á Camilla...

ZEZINHO — A' tua mulher?...

COLOMBO — Então?!... Ella sabe da vida de todo mundo... principalmente das mulheres que moram nesta rua e andam sosinhas.

RAPHAELINO — É muito complicado... Ella desconfiará...

ZEZINHO — E nos atrapalhará... Sempre que iremos por estes lados... Não!... Esse plano não serve... Então, commigo!... Eu já sou um pára-raio da encrenca...

COLOMBO — Não vejo outro meio... Salvo, se vocês quiserem pegar o boi pelos chifres...

RAPHAELINO — Como?!... O boi pelos chifres?!...

COLOMBO — E' maneira de fallar... Quero dizer... ir de cara...

ZEZINHO — De cara?!

COLOMBO — Olhem... Ellas moram no 87... Vocês chegam lá... Batem palmas...

RAPHAELINO — Está direito... até ahi... chegamos no 87... batemos palmas...

ZEZINHO — E depois?...

COLOMBO — Apparce uma creada...

ZEZINHO — E depois?...

COLOMBO — Pedem para fallar com a senhora. Vem uma dellas... Ahi... você Raphaelino que é mais imaginoso conta-lhe uma historia...

RAPHAELINO — Historia?

COLOMBO — Uma conversa fiada... Diz que a indicação é certa... mas a moradora da casa não é a pessoa que você procura.

ZEZINHO — Ahi ella nos despede e nos dá com a porta na cara...

COLOMBO — Não fará isso... Antes você arranja um modo de intervir no assumpto e diga que vio logo que ella não tem mesmo geito de ser viuva... Ella naturalmente... como é viuva... contesta...

RAPHAELINO — Contesta... como?

COLOMBO — Sim... porque as duas são viovas...

ZEZINHO — Ah!... Você sabe?...

RAPHAELINO — E depois?...

COLOMBO — Depois... você joga um nome qualquer e pergunta se não é do fallecido... Não será... Ella dirá então o nome delle...

RAPHAELINO — E depois...

COLOMBO — Depois... Você começa a desinterar os mortos... e vae indo... vae indo... até descobrir parentesco...

ZEZINHO — E' bom de dizer...

COLOMBO — Já aconteceu commigo... Isso mesmo... direito... Nem foi preciso gastar dinheiro.

ZEZINHO — Um ovo por um real...

RAPHAELINO — Ahi está... O ovo do Colombo.

COLOMBO — E'... foi assim que eu conheci a viuva... com quem... acabei casando...

RAPHAELINO — (Rindo) o ovo... gorou...

COLOMBO — Qual gorou... qual nada... foi indéz... sahio uma ninhada de 7 filhos...

Jan Richora



Sedas

As grandes Novidades da Estação de Verão

Sedas

Sedas

Sedas

Sedas

Sedas

N'
Notre
Dame de
Paris

Sedas

Sedas

Sedas

Sedas

Sedas

Ninguém vende por tão modicos preços!

Sedas

A CASA TEDESCO

Começa amanhã a
GRANDE VENDA ANNUAL
com grandes abatimentos nos preços.
APPROVEITEM!

Sedas, grande variedade em qualidade e preços
Voilagens, filós, organdys, crepe da
china, charmeuse, setins crepe georgette, etc.
Peignoirs, blusas, matinées,
tudo abaixo do custo.

Ide á CASA TEDESCO para fazerdes
boas compras
e uma grande economia.

Meias perfeitas, de seda e fio de Es-
cocia a todo o preço.

9 - RUA GONÇALVES DIAS - 9

CASA GAÚCHO

NÃO TEM FILIAES

Loterias, comissões e descontos

L. COSTA & COMP.

RUA CHILE, 3

Telep. Cent. 5740 — End. Teleg. GAÚCHO — Caixa Postal 481

— RIO DE JANEIRO —

COMP. DE LOTERIAS NACIONAIS DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 9 de Dezembro, Ás 3 horas da tarde

100:000\$000

POR 16\$000 EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sede da
Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

A MAÇA

(Cont. COMO EM FAMÍLIA)

nências do sólo aos olhos attonitos do mancebo. Ao fim de tudo, appareceu a soturna senhora, que foi logo, e clamou:

— Que me diz disto, sr. Cypriano? Aqui ha mocidade, belleza, e genero para todos os gostos, Anda Gontran! Traze uma garrafa de «champagne»... Onde está Carmen? Com o velhote, com certeza. Dize-lhe que se despache logo, sob pena de multa.

E de novo para Cypriano:

— A' vontade; esteja á vontade.

E numa gentileza:

— Aqui, é como se estivesse na casa da sua mãe...

GABRIEL VOLAND

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario: Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000

Semestre 13\$000

Numero avulso 8600

Capital:

Numero avulso 8500

» atrozado 8600

Exterior:

Porte simples

Anno 50\$000

Semestre 30\$000

Registrado

Anno 60\$000

Semestre 35\$000

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

GUARANIT

TONICO SUPREMO

Magreza, velhice precoce, espinhas de origem intestinal. Base de genuino e concentrado guaraná - kola - cocca - arsenio-phosphatos, nóz vomica, etc.

PESO NO ESTOMAGO?
INDIGESTÕES? NAUSEAS?
DYSPEPSIAS? AZIAS?
COLICAS? FIGADO?
INTESTINHOS?
PESO NA CABEÇA?
ANSIAS? ENJÓOS?
FALTA DE APETITE?
FLATULENCIAS?
ENXAQUECAS?
TONTEIRAS?....

USAE O
DIGESTYL
EFFECTO SEGURO

CONSESSIONARIOS
S. FARIAS & CIA
RUA MAJOR AVILA, 67
DEPOSITARIOS
DRUG. RIBEIRO MENEZES & CIA
Rua Uruguayana, 91
DRUG. BAPTISTA
Rua dos Ourives, 30



9 de Dezembro de 1922



Conheço um condemnado
Que ao sahir das galés
Foi logo beber Whisk
De Watson, Numero Dez.

O Whisk sem dor de cabeça.

A' venda nos restaurants e hoteis de 1a. ordem.

Alguns preços dos Saldos DA

CASA YORK

Gravatas de seda.....	1\$800
Gravatas de tricot, seda.....	1\$900
Meia de seda para homem..	3\$800
Pyjamas.....	7\$800
Camisas de zephir.....	4\$800
Roupões para banho.....	19\$800

22 - 26, ASSEMBLÉA

Esquina da Rua do Carmo

Não temer a Tuberculoses

O "SANGUINOL"

E' o melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de **"SANGUINOL"** faz mais effeito que um vidro do melhor tonico. As Mães que criam, os Anemicos, as Moças palidas, as Crianças rachiticas e escrophulosas, os Esgotados, os depauperados, obtêm carnes, saude, vigor e sangue novo usando o **"SANGUINOL"**. E' o melhor preventivo contra a Tuberculose.

Desenvolve e faz as crianças robustas.

O **"SANGUINOL"** é muito superior ás Emulsões de Oleo de figado de Bacalhau que em geral atacam o estomago e o figado nas estações quentes.

Em todas as Drogarias e Pharmacias

Avenida São João, 145

São Paulo

Tenha pena de sua esposa e de seus filhos

TOME

O ELIXIR "914"

Em cada 10 nascimentos, 9 creanças nascem mortas quando os paes são syphiliticos. Evita-se a mortandade tomando o ELIXIR «914». 95 % dos abortos provém da Syphilis. De cada 100 individuos com syphilis 90 estão propensos á tuberculose. O ELIXIR «914» é um tonico poderoso contra essa terrivel molestia. Tratar da syphilis sem injeccões e sem atacar o estomago é o tratamento ideal. E isso só se consegue usando o ELIXIR «914». O ELIXIR 914» é usado nos hospitaes e receitado pelos grandes especialistas em syphilis. Não ataca o estomago, não contem iodureto. Agradavel como um licor. Vehiculo 240,0 3 colheres por dia.

Depositarios: GALVÃO & C.

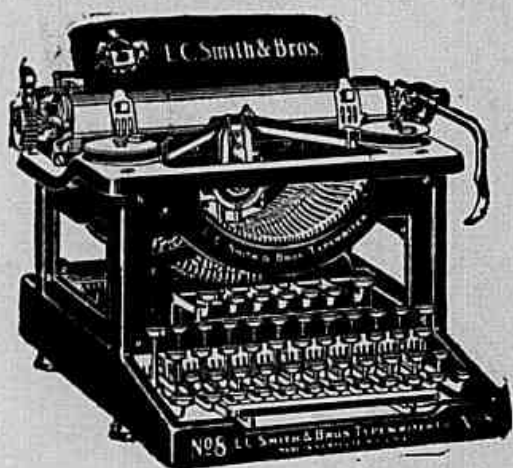
AVENIDA SÃO JOÃO, 145

São Paulo

Equipamento moderno de escriptório

Do melhor o melhor

a machina de escrever L. C. Smith & Bros n.º 8



A construcção, toda, "a esphas" na SMITH & BROS, não é nenhuma innovação — 20 annos de experiencia têm demonstrado a excellencia deste systema — Ausencia de attricto — maior durabilidade.

TABULADOR DECIMAL
sem augmento do preço.

Funcionamento quasi inteiramente silencioso. Modelos no. 8 e modelos no. 5

Agente geral: **John Roger**, rua da Quitanda 156 e 158
Mimeographos "Edison-Dick" — Os afamados Cofres "Minerva" etc. etc.

Visitem minha exposição.



— HEBE —

PÓ DE ARROZ DA MODA
ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa 2\$500 — pelo Correio 3\$200

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Perfumaria Lisboa — OUIDOR, 55 — RIO



ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97 - Sob.